



A GREVE
DE **79**

QUARENTA ANOS DEPOIS



O CEP SOMOS
CEP é NOSSA

PROFE



CACES | PROPED

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Greve de 79 quarentena anos depois [livro eletrônico] / organização Claudia Ferreira. – 1. ed. – Rio de Janeiro : CACES : PROPED – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação – UERJ, 2021.
PDF.

ISBN 978-65-995190-0-0

1. Educação 2. Greves 3. Greves e lockouts – Brasil 4. Greves – Professores – História 5. Trabalho e trabalhadores I. Ferreira, Claudia.

21-67949

CDD-371.140981

Índices para catálogo sistemático:

1. Greves : Movimentos sociais : Professores : História 371.140981
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Coordenação editorial: Claudia Ferreira

Design gráfico: Suiá Taulois

Fotos: Claudia Ferreira

Transcrição de áudio: Jorge Peixoto

Revisão: Rosemaria Vieira | Inês Mauad

Coordenadora do PROPED: Ana Chrystina Mignot

Coordenadora do CACES: Claudia Ferreira

Contato CACES: caces@caces.org.br

Contato PROPED: secretaria@proped.pro.br



PROF

O CEP SOMOS
O CEP é NOSSO

sumário

Apresentação	9
O SEPE somos nós, nossa força e nossa voz Lia Faria e Thais Martins	11
Professoras em greve: escutemo-las Carlos Drummond de Andrade	15
Fotos da greve de 1979	19
Siglas	21
Roda de conversa A Greve de 79 quarenta anos depois	23
Fotos da mesa	66
Exposição "O sol por testemunha" Texto Hildézia Fotos com legendas	72



Apresentação

Este livro é o resultado de vários reencontros. Reencontros com o passado, com velhos amigos e amigas e com a nossa história de militantes que continuam acreditando que podem mudar o mundo. A histórica greve dos professores e professoras do Rio de Janeiro, no ano de 1979, em plena ditadura militar, foi um marco na história do magistério e do movimento sindical. As professoras tiveram um importante papel na condução dessa greve e as questões de gênero passaram a fazer parte da pauta dos movimentos sindicais.

Ter a greve de 79 revista, quarenta anos depois, pelas suas lideranças é um privilégio que não pode ficar restrito àquelas pessoas que estiveram presentes à roda de conversa, realizada na UERJ, no marco das comemorações dos 40 anos do PROPED – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UERJ. Comemorações que resgataram também a exposição “O Sol por Testemunha”, exibida, de forma itinerante pelo SEPE, em 1987, como estímulo à discussão das questões de gênero no magistério.

A preservação da memória das lutas do movimento do magistério do Rio de Janeiro é fundamental como referência às gerações futuras. A releitura da greve de 79, feita pelas suas lideranças, quarenta anos depois, é uma valiosa fonte de pesquisa.

Esta publicação é fruto de uma parceria entre o CACES – Centro de Atividades Culturais, Econômica e Sociais e o PROPED. Ela estará disponível gratuitamente, na sua versão em e-book, no site do PROPED – www.proped.pro.br e no portal www.memoriaemovimentossociais.com.br, reafirmando, assim, o nosso compromisso com a criação de mais uma fonte de História Pública sobre os movimentos sociais contemporâneos.

CLAUDIA FERREIRA



Somos NÓS
NOSSA VOZ

FESSOC

Nossa força e nossa voz

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS

Mais de quatro décadas de luta, o tempo e a história endossam a máxima sindical “a luta educa”, como aprendemos nessa trajetória de defesa da Educação Pública e de seus profissionais. Outra expressão, ainda, atravessa os anos e sela o espírito coletivo: “o SEPE somos nós, nossa força e nossa voz”. Retratos da trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação, da qual fizemos parte em tempos e formas diversas, enquanto professoras atuantes nas redes públicas de educação em Friburgo e no Rio de Janeiro.

Era um tempo de revigoramento dos movimentos, que ascendiam no combate à ditadura civil-militar e na luta por direitos. Desse modo, coletivo, democrático, atuante e independente de governos, o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação, outrora SEP(1), surge em 1977, da mobilização de professores e professoras engajados, pelo reconhecimento, valorização e autonomia profissional, mas também por democracia e direito à organização sindical.

Protagonizando mobilizações históricas, como a greve de 1979, as professoras e professores organizados enfrentaram o governo estadual e conquistaram importantes pautas. Fortalecido pela luta coletiva, o agora CEP/RJ – resultado da fusão com a União de Professores e a Associação de Professores do Estado do Rio de Janeiro – elege sua primeira diretoria.

Anos depois, em 1986, a mobilização crescente eclode em outra grande greve, cujo símbolo histórico foi a assembleia no Maracanãzinho, com aproximadamente vinte e cinco mil professoras e professores debatendo e

1) SEP – Sociedade Estadual de Professores; CEP – Centro Estadual de Professores; CEPE – Centro Estadual de Profissionais de Educação; e SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação.

decidindo os rumos de uma luta que avançou em conquistas e representou também o avanço da consciência política de sua base. Base que se expande a partir da compreensão de que as funcionárias e funcionários administrativos das escolas também são educadores, passando, portanto, a integrar os quadros do sindicato, que se torna CEPE – Centro Estadual dos Profissionais de Educação. E chega, entre 1988 e 1989, enfim, a denominação atual – SEPE.

No curso de um processo de construção de uma ética política engajada de educadores e educadoras, o SEPE se consolida como entidade representativa dessa categoria, percorrendo caminhos de organização e de formação. Seminários, conferências, congressos, nos quais se desenvolvem debates sobre concepção e estrutura sindical, políticas públicas educacionais, mas também sobre a opressão de gênero sentida por uma classe majoritariamente feminina. A feminização do magistério, que repercutiu no campo sindical, no surgimento cada vez mais numeroso de importantes mulheres líderes, foi abordada de forma emocionante e profundamente real na exposição “O Sol por Testemunha” (1986). Exibição que retratava um dia na vida de uma professora, com múltiplas jornadas de trabalhadora, mãe, dona de casa e militante, tendo como protagonista uma das lideranças sindicais.

O SEPE, em diálogo com a universidade pública (UFF) e instituições de pesquisa, como a FIOCRUZ, por vários anos, oferece um curso de pós-graduação sobre sindicalismo e educação brasileira e formações sobre a saúde das trabalhadoras e trabalhadores da educação, respectivamente. Assim, a classe, se constitui “classe para si”, desencadeia resistências históricas e forma lideranças que atuam pela transformação social em outras instâncias também, como, em mandatos no parlamento e na participação direta em gestões da política pública educacional.

Passeatas, vigílias, ações reivindicatórias e culturais – a resistência acontece de várias formas, promovendo a criação de núcleos por todo o estado do Rio de Janeiro e organizando as lutas no âmbito das redes municipais de educação.

O SEPE segue no aprendizado da democracia interna e enfrenta os desgastes de governos que aplicam políticas neoliberais e o uso da força policial

contra educadores e educadoras. Meritocracia, competitividade, individualismo, produtividade – conceitos fortemente disseminados por meio de uma lógica que se contrapõe ao ideário democrático e coletivo construído historicamente ao longo da trajetória sindical.

Nos últimos anos, num contexto de aprofundamento da precarização da Educação, de ataques ao sindicalismo de base, de recrudescimento do autoritarismo/protofascismo, de crise sanitária internacional e de golpes políticos que levam o país a retroceder décadas em todas as áreas centrais para o desenvolvimento, o sindicato reafirma princípios e valores de esquerda, defendendo posicionamentos claros quanto ao cenário político e mantendo a independência de governos. Bem como, se utilizando de novas linguagens e tecnologias para prosseguir com a organização e a formação de suas bases, como assembleias online, divulgação de textos e boletins em site próprio e apresentação de debates participativos na TV SEPE, em seu canal de YouTube.

De grande importância para nós, que passamos e/ou permanecemos atuantes em suas bases e instâncias, é ressaltar a enorme contribuição do SEPE como locus de formação política para seu alicerce ao longo desses quarenta anos. E, embora, o momento atual seja desafiador, em todos os aspectos, representando grande risco para o movimento sindical, o SEPE segue como uma alternativa combativa de resistência e formação para/das trabalhadoras e trabalhadores da educação.

**LIA FARIA
THAIS MARTINS**



Professoras em greve: escutemo-las

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Jornal do Brasil, 21 de junho de 1979

Uma greve que se prolonga por 30 dias não é acontecimento comum no Brasil. Se a greve é de professores, trata-se de fato ainda mais raro. E se os professores são mineiros, o caso assume proporções de fenômeno único. Que teria levado as pacatas, dóceis, modestíssimas professoras da Capital e do interior de Minas Gerais a assumirem essa atitude, senão uma razão também única, fora de qualquer motivação secundária e circunstancial? Uma razão de vida? Em suma? Uma razão de sobrevivência?

É o que toda a gente sente e pensa, diante de centenas de municípios onde as mestras cruzaram os braços e aguardam, depois de longamente solicitá-la, uma palavra do Governo do Estado. Uma palavra que atenda a pretensões salariais justas, reconhecidas pela consciência popular, sensível ao que é humano e tem raízes na realidade das coisas. Como tarda esta palavra, e como vem sendo substituída por outras de agreste incompreensão! Como se fecham as bocas, ou só se abrem para evasivas, promessas sem densidade, até críticas e acusações a quem, de boa-fé, expõe seus motivos e é confundido com agitadores políticos!

Terá o Governo de Minas perdido toda a sensibilidade política, toda a capacidade de ser realmente Governo, isto é, algo diferente de uma máquina eletrônica que lida com números e não com pessoas vivas?

Pretende fazer o bem do povo – de que modo? Ignorando as carências desse mesmo povo num dos segmentos mais delicados, que a ninguém é lícito ignorar, pois sua atuação está na raiz de nossa formação intelectual

e moral, e nenhum homem digno desse nome deixou de ter na infância o carinho e a assistência de uma professora?

Por que negar a essa brava e humilde multidão de mestras o direito ao mínimo de decência material a que fazem jus, para serem realmente mestras, e não robôs programados para recitar a lição, movidos a pilha?

Alegar que o Estado não tem condições para atendê-las com o justo salário e, ao mesmo tempo, integralizar com Cr\$ 75 milhões a participação oficial dos mineiros na usina da multinacional Fiat é revelar triste noção de valores sociais e econômicos. Para que mais automóveis num Estado cujas professoras padecem de carência alimentar e de recursos para se atualizarem culturalmente? Entre a professora carente e a lataria que atravanca ruas e estradas, na exibição do mais falso e desviado desenvolvimento, o Governador de Minas prefere a lataria que rende impostos para a burocracia?

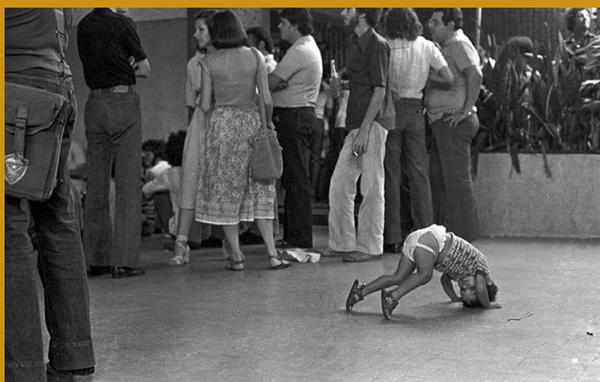
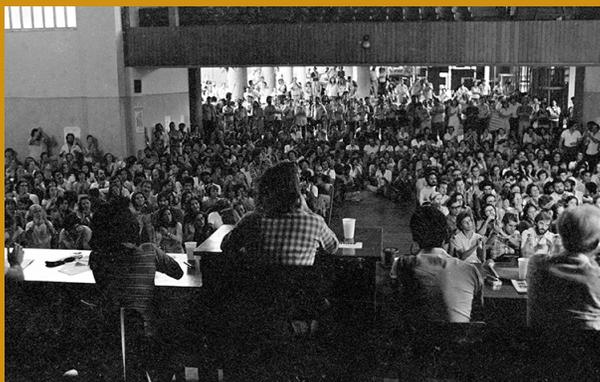
Dói-me a alma de escrever tais coisas diante de um governador novo, que se supunha ter experiência política, e mal começa a exercer o mandato – bem discutível este em sua legitimidade, é preciso lembrar – e que perde logo de saída a mais estupenda oportunidade de revelar-se homem de Estado e homem de coração aberto. Ah, a lição de Milton Campos esquecida: “Em vez de mandar a polícia, mande-se o trem pagador”. Em vez do trem pagador, dispersam-se os postulantes pacíficos a jatos de água e gás lacrimogêneo... E fecham-se as negociações, porque este é um Governo que não negocia, não discute, não ouve, não quer saber do que lhe diz o povo – o povo que, nem sequer pôde elegê-lo, pois não lhe deixaram escolher este ou aquele candidato.

Saí do país, no fim de maio, com a greve do professorado mineiro em ponto alto. Voltando duas semanas depois, encontro as grevistas ainda à espera de que alguém – um governo capaz de ouvir e entender gemidos, um deus misericordioso, um milagre brotando do azul, sei lá, reconheça a essa gente humilhada e ofendida o direito simples de viver do seu trabalho, que não é plantar maconha ou produzir discursos de propaganda oficial das grandezas do Brasil. Ou esse trabalho particular das professoras, por sua natureza criativa de valores, assusta e incomoda os realistas da política, empenhados em

criar uma ordem estritamente material, de que a imaginação e a inteligência estejam banidas? Não posso crer que seja esta a preocupação do Governo de Minas em face da greve do ensino. Prefiro acreditar que se registrou uma pane no senso político do Sr Francelino Pereira. Que se conserte, e possa ele, daqui por diante, estar em condições de reconhecer que com professoras se deve sempre conversar, pois foram elas que nos ensinaram a fazê-lo. Conversar é prática civilizada. E conversar para resolver, e resolver com sabedoria e grandeza, é obrigação dos Governos. Vamos, Francelino.

REUNIÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DO CEP

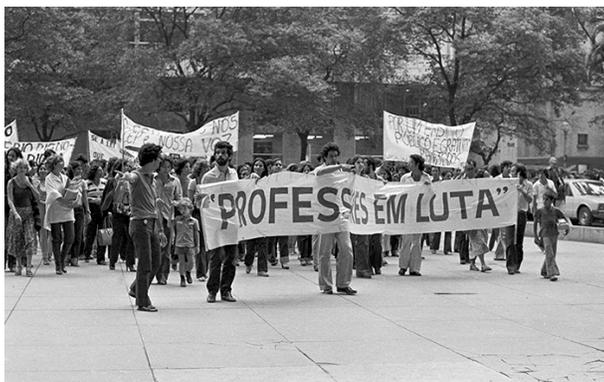
Auditório do Palácio Capanema, Rio de Janeiro, 21-08-1979



Fotos da greve de 1979

PRIMEIRA CAMINHADA DA EDUCAÇÃO

Palácio Capanema, 21-08-1979



ABC • Região da Grande São Paulo, cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano

ADPUC • Associação de Docentes da PUC

ANPED • Associação nacional de pós-graduação em educação)

APEOESP • Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

APERJ • Associação dos Professores do Estado do Rio de Janeiro

APPEM • Associação dos Professores do Ensino Médio

ARENA • Aliança Renovadora Nacional

AP • Ação Popular

APPEM • Associação dos Professores Públicos do Ensino Médio

APP • Associação dos Professores do Paraná

ASDUERJ • Associação de Docentes da Universidade do Estado Rio de Janeiro

CACES • Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais

CEP • Centro Estadual dos Professores

CEU • Casa do Estudante Universitário

CIEP • Centro Integrado de Educação Pública

CNTE • Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação

CPB • Confederação dos Professores do Brasil

CPERS • Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

CPPB • Confederação dos Professores Primários do Brasil

CSN • Companhia Siderúrgica Nacional

FAPERJ • Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

IESAE • Instituto de Estudos Avançados em Educação

ICHF • Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da UFF

IFICS • Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

JB • Jornal do Brasil

LIBELU • Liberdade e Luta

Siglas

MDB • Movimento Democrático Brasileiro

MEP • Movimento pela Emancipação do Proletariado

MR-8 • Movimento Revolucionário Oito de Outubro

MOAP • Movimento de Oposição Aberta dos Professores

MUP • Movimento de União dos Professores

PCB • Partido Comunista Brasileiro

PCdoB • Partido Comunista do Brasil

PDT • Partido Democrático Trabalhista

PT • Partido dos Trabalhadores

POLOP • Organização Revolucionária Marxista Política Operária

PROPED • Programa de Pós-Graduação em Educação Faculdade de educação UERJ

SEP • Sociedade Estadual dos Professores

SEPE • Sindicato Estadual dos Professores de Educação do Rio de Janeiro

SINPRO • Sindicato dos Professores

UERJ • Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF • Universidade Federal Fluminense

UFRJ • Universidade Federal do Rio de Janeiro

UPRJ • União dos Professores do Rio de Janeiro

UPRJ • União dos Professores do Rio de Janeiro

UPPE • União dos Professores Públicos Estaduais

UTE • União dos Trabalhadores do Ensino



SCORES

A greve de 79 quarenta anos depois

Roda de conversa realizada na Faculdade de Educação da UERJ, no dia 30 de outubro de 2019, com a presença dos professores e professoras

Godofredo Pinto

Hildézia Medeiros

Ítalo Moriconi

Lia Faria

Maria das Dores Mota (Dodora)

Marlene Fernandes

TEXTO DA MESA

LIA FARIA: Então, vamos sentar gente, eu vou pedir à Ana Chrystina Mignot, nossa coordenadora do PROPED ... o PROPED que também está fazendo 40 anos. A coordenação desse evento é do PROPED, que fez a convocatória com ajuda da FAPERJ.

ANA CHRYSTINA MIGNOT: Boa Tarde, bem gente, eu hoje estou aqui na condição de coordenadora do programa de pós-graduação de Educação, aqui da UERJ, um programa de excelência do qual nós muito nos orgulhamos e que é uma referência para estudos sobre a escola pública, a vida docente, a profissão de docente e sobre o desenvolvimento social deste país. Este ano, o nosso programa, que carinhosamente chamamos por sua Sigla ... eu me lembro que odiava sigla quando trabalhava na Secretaria de Educação, mas eu acho PROPED quase um biscoito de tão carinhoso – PROPED.

Então, nós estamos fazendo 40 anos esse ano e quando começamos a organizar as comemorações do nosso programa, no qual faço parte de uma comissão, já há algum tempo, para organizar esse aniversário, juntamente com a professora Helena Alves. Comecei a me perguntar em que circunstâncias nós fomos criados, em que ano... E 1979 é um ano muito emblemático, porque não foi apenas a criação do PROPED, desse programa, era o momento da Anistia, era a o momento da criação da ANPED, Associação Nacional de Pós-graduação em Educação, que realizou agora, na semana passada, na UFF (Universidade Federal Fluminense), a sua vigésima nona reunião anual.

Também, no âmbito da UERJ, foi o ano de criação da Associação dos Docentes, a nossa ASDUERJ, que também foi criada em 1979, e a nossa greve de professores, a nossa primeira grande greve de 1979. Na minha recordação, dessa greve, eu estava em Campos e vinha para o Rio de Janeiro, naqueles ônibus fretados, pra gente participar das Assembleias em diferentes lugares e eu, particularmente, me lembro da Assembleia na Santa Úrsula.

Então, hoje, nós vemos tantos amigos, estamos tão felizes e contentes por nos encontrarmos, mas houve muitas disputas políticas, e isso foi muito importante. Mas, eu acho que uma característica muito bonita dessa história, dessas lideranças, é que em todas as nossas divergências nós nos respeitávamos profundamente, e acho que nós gostávamos muito um dos outros. Então, temos o prazer de nos rever. O momento de hoje é de comemoração. E como estamos na universidade, dar uma olhada crítica sobre esse passado, nesse presente, refletir um pouco sobre essa lembrança que nós temos. Enfim, comemorar e fazer um balanço do que foi vivido, interpretar o presente e projetar o futuro. É nesse sentido que eu gostaria que nos reuníssemos aqui hoje.

Parabéns para a Lia, parabéns para o seu grupo de pesquisa, que tão claramente soube realizar esse evento, Lia é vida, Lia é folia! Como ela gosta de se colocar e conseguiu fazer lindamente, também, no alto dessas comemorações dos 40 anos de PROPED, uma exposição da Claudia Ferreira, que está aqui, e que termina hoje.

Todos vocês deviam ver, está no centro cultural da UERJ. *O Sol por testemunha* é um trabalho belíssimo, com profunda delicadeza, sobre a questão de gênero do magistério, com uma forma muito criativa, muito bonita, muito rica. Parabéns, Lia, Hildézia e Ítalo. É um prazer ter vocês aqui.

HILDÉZIA MEDEIROS: Obrigada.

LIA FARIA: Agora vou chamar Godofrenéticas, Zildeticas e as Hildezéticas. O Ítalo ficava assim dissertando.

HILDÉZIA MEDEIROS: O Ítalo é um Moderador.

ÍTALO MORICONI: Foi por isso que me colocaram na mesa, né?!

LIA FARIA: Por isso que colocaram o Ítalo na mesa. Então, gente, nós vamos começar com Ítalo, e dizer que depois ... a ideia é colher narrativas, depoimentos, a gente está filmando e gravando, trazendo memórias. Quando eu reencontrei uma ex-aluna, ela me disse: “Lia, você lembra, eu fiz curso pré-vestibular com você em Friburgo? E eu fiz história por sua causa”. Então é o seguinte: nós quisemos reafirmar também a magia e o encanto dessa nossa profissão. Nós temos orgulho de ser professores e professoras.

LIA FARIA: Vou começar dando a palavra para o meu amigo Ítalo, que vai ser o responsável literato do livro, que vai ser fruto desse momento de memórias. Com a Claudia Ferreira, a gente vai fazer um documentário também sobre esse momento. Então, ano que vem, vai ter o lançamento do livro e do documentário. Muito bom para esse ano de eleição, nós, que não gostamos de fazer política, vamos estar em um período bem apropriado. Então Ítalo, com a palavra.

ÍTALO MORICONI: Obrigado, Lia. É difícil iniciar, porque toda a realidade extrapola o formalismo, mas de qualquer maneira, eu queria agradecer demais à Lia e agradecer à Ana Mignot também. Depois da nossa história no SEPE, a gente tem a nossa história na UERJ também, que é uma longa história. Queria manifestar a minha alegria imensa de estar aqui do lado da

Hildézia e ver tantas pessoas conhecidas da época. Eu estava muito em dúvida sobre o quealaria, eu acho que, provavelmente, vamos, depois, abrir a palavra ... não sei.

É engraçado que dois dias antes de hoje, anteontem, eu recebi um telefonema do Godofredo e ele perguntou sobre a mesa, e ele disse que ia me mandar, por e-mail, um roteiro que ele tinha feito, de uma conferência com a história da greve de 79. Ele me mandou um roteiro e falou que talvez aparecesse aqui hoje, mas acho que ele não vai aparecer. Mas ele tinha uma boa intenção. Eu, pelo menos, sou uma pessoa que vivo muito o presente, e, apesar da experiência da greve 79, eu acho que foram os anos mais felizes das nossas vidas, aqueles, do final da ditadura e da luta pela democracia. Depois a vida ficou ... a vida profissional, vida do dia a dia e aquilo ficou muito marcado, aquele momento realmente ficou muito marcado, mas a memória dos detalhes... realmente... eu não tenho essa memória dos detalhes. Tenho memórias, assim, das assembleias imensas e das brigas políticas. Mas sobre isso, eu queria também fazer um comentário, mas o fato é, que esse roteiro do Godofredo, seria inviável retomar aqui, por isso, eu falei para ele ... mandei um e-mail: "Godofredo, acho que isso aqui é uma conferência, uma palestra de duas horas, e até acho que deveria colocar no papel porque ninguém melhor do que você para fazer esse histórico, inclusive eu. Já existem várias teses, várias dissertações, sobre a experiência do SEPE".

Aí eu pensei, bom, o que eu vou fazer lá hoje. Ontem, eu acho, fiz uma postagem no *Facebook* sobre a mesa de hoje, aí eu falei: bom, acho que vou ler aquela postagem que eu fiz e comentar coisas de algumas frases que eu achei que seria interessante colocar. Mas eu estava imaginando que teríamos, aqui, pessoas de outras gerações. Tem algumas, mas na verdade esse público aqui... eu estou me sentindo aqui como em um encontro em família. Praticamente, né? É o nosso tempo sendo trazido de volta com algumas pessoas que ouviram aquilo. Então, uma coisa é você fazer uma memória, né? E aí, eu queria falar uma coisa bastante específica sobre isso, sobre esse esforço de memória. Outra coisa é você fazer essa memória conectando com o mo-

mento presente e com a experiência das novas gerações. Que foi, inclusive, o sentido da primeira frase da minha postagem. Que escrevi assim: que ela era muito pensando em um público onde estivessem duas gerações. A geração de agora, que nasceu muito depois... a geração de agora que nasceu muito depois de 79. Então é realmente uma outra perspectiva da história, mas eu coloquei a seguinte frase: “Todo movimento revolucionário tem que ter sabor de nunca antes”. Então, o que eu queria dizer com essa frase é o seguinte: nós podemos fazer a memória do nosso movimento, mas se essas pessoas que hoje estão nos coletivos; nos coletivos pretos, LGBT, nos coletivos de periferia. Enfim, pessoas, que de uma certa forma e na nossa área da Educação, mantêm acesa a tocha da revolução, usando essa palavra de uma maneira bastante ampla. Elas, sabe, as memórias, são muito importantes, mas elas têm que viver como se elas estivessem vivendo pela primeira vez, vendo uma situação dessa, então, é muito complicado e interessante a gente passar a experiência. Mas, realmente, a experiência revolucionária, a experiência da mobilização, ela é única na vida. E, num certo sentido, ela não se repete, mas você permanece fiel a ela ... porque eu acho que todo mundo ... a Hildézia, eu tenho certeza, que teve toda uma trajetória, toda uma vida de militância.

No meu caso, o que aconteceu, foi simplesmente o fato de que eu fiquei aqui mesmo na UERJ, no ensino superior. Eu considero que os meus 34 anos, aqui, na UERJ, foram anos de militância constante, não só militância na sala de aula, mas sempre envolvido com a instituição. E, também, aqui, existe um sindicalismo, o sindicato ASDUERJ, então, a gente permanece, aquela memória permanece, mas ela é única.

Agora, um comentário, que eu queria fazer, independente desse escrito aqui, é o seguinte: tem um livro, que a gente trabalha muito na área de letras, que é um básico das ciências sociais brasileiras, que é o *Raízes do Brasil*, do Sergio Buarque de Hollanda, e tem um prefácio muito bonito do Antônio Candido. O Antônio Candido escreve esse prefácio uns vinte ou trinta anos depois da primeira edição do *Raízes do Brasil*. Então, ele comenta, que num momento da vida da gente, num certo momento da vida da gente ... Eu acho

que o momento da minha vida, da Hildézia, da Lia e de tantos outros aqui, é o momento de 79.

Você vive divergências, você vive paixões políticas muitas vezes divergentes, mas quando o tempo vai passando, você vai entendendo que o fundamental não era realmente as posições políticas, era uma experiência geracional, uma experiência de geração. Então, eu diria que esse momento, ele acontece uns 20 ou 25 anos depois. Onde, por exemplo, o que me interessa muito mais, em uma interlocução com Godofredo, com a Hildézia, com a Lia, é justamente nós tentarmos entender essa experiência geracional ... Reviver a experiência geracional e as divergências políticas e ideológicas de 20 anos antes. Elas recebem uma outra perspectiva, são revistas de outra maneira, só que eu acho que quando você chega mais pra frente ainda, nós estamos com ‘corpíchos’ maravilhosos! Mas nós já fomos mais ... mais anos se passaram ... aí eu acho que tem algo que vai mais além ainda dessa consciência geracional, o afeto passa prevalecer sobre tudo. Nem mesmo a reflexão racional sobre a experiência vivida pode suplantar tanto essa experiência afetiva que a gente tem, que a gente sentiu ao entrar aqui hoje na sala, simplesmente rever as pessoas, certo?

Acho que todo mundo aqui vai aplaudir qualquer grande mobilização que houver pela frente, então, nós seremos revolucionários eternamente. Mas aquilo que nos une, sobretudo, mais do que uma experiência geracional, é realmente uma questão afetiva. Então, eu não sei se vou me estender demais... acho que vou voltar aqui para as frases que eu trouxe, vou indo ... vou indo. Então né, eu disse que estou chamando esse momento 79 de movimento revolucionário, no sentido bastante mais amplo, no sentido de mobilização. Não no sentido de uma revolução específica, mas a experiência de viver uma mobilização. Tem que ter sabor de nunca antes, mas de repente, a gente, no meio do turbilhão, descobre que antes da gente, teve gente – uma coisa que eu senti dentro do movimento de 79.

Dentro do movimento de 79, você, de repente, descobria que aquelas velhinhas da UPPE, algumas delas, tinham sido ‘passeateiras’ de 68. Então aque-

las associações, num tempo, lá nos anos 50 e 60, as entidades de professores, eram de direita e esquerda. Nós somos de uma experiência em que as entidades de professores eram consensualmente de esquerda, mas tinha havido uma geração sindicalista em que se tinha a ala comunista e a ala lacerdista. Elas se irmanavam na sua mobilização pelas questões da Educação. Então, lá no meio de 79, eu tive aquela sensação. Engraçado, teve gente que já viu essa experiência do nunca antes e para elas nós éramos apenas uma repetição, mas nós éramos uma repetição gloriosa porque a greve de 79 foi a primeira greve de professores desde 1968. Em 68, os professores tinham feito greve, tinha havido muita mobilização dentro de toda a movimentação social e depois veio realmente a ditadura. Em 79, nós já estávamos, inclusive, num período avançado da chamada distensão democrática. Essas histórias ... falar distensão democrática, eu queria que a gente tivesse, aqui, pessoas nascidas ... por incrível que pareça tem gente que nasceu depois dos anos 90, tem gente que nasceu depois dos anos 2000. Aí você teria que explicar o que é distensão democrática, mas entre nós, não tanto. Então nós, eu e vocês ... lá, no *post* do *Facebook*, eu coloquei assim: eu e vocês. Eu estava querendo me dirigir para um interlocutor: “Nós, eu e vocês, vivemos o nosso movimento revolucionário naqueles idos de 79, um momento revolucionário; fizemos greve de professores com apoio maciço da sociedade em plena distensão democrática. A gente estava vivendo, naquele momento, o início do fim da ditadura, era uma nova escola que estava surgindo. Essa escola, depois, se consolidou ao longo dos anos 80 e 90, do ponto de vista de organização interna, eleições de diretores etc., e a vanguarda desse momento, em vários sentidos, foi a greve de professores. Fizemos, a palavra não é inteiramente justa”. Aí me coloquei pessoalmente porque quando eu participava do movimento de professores, eu era professor da rede particular ... eu participava do movimento de professores ... Então, quando eu entrei para o Estado, a greve de 79 já tinha acontecido, por isso, é que eu digo, “fizemos – a palavra não é inteiramente justa –, quem fez foi a massa de professores de uma maneira impressionante – as professoras”.

A greve de professores de 79, não está apenas na história do movimento sindical, não está apenas na história da Educação. Ela está na história do movimento das mulheres, da questão feminista, porque não tinha militante feminista, simplesmente elas, vocês, foram despertadas e começaram a sair de casa contra a vontade do marido. Aquela exposição é maravilhosa... maravilhosa... realmente *O Sol por Testemunha*, com a Dodora. Pensei que a Dodora fosse estar aqui, ela é atriz. Ah, ela está aí ... Eu não tinha visto. Então, sensacional, esse trabalho e mostra bem o que era o cotidiano da professora. Então, quem fez essa greve, essa primeira greve, foi a massa de professoras e professores. Claro, corajosas, corajosos ... desafiando a ditadura, que ainda permanecia na época. Mas naqueles anos de 78 e 79, uma nova força sindical surgiu e rompia com todos os limites da ilegítima legalidade vigente.

Então, aqui, eu acho que tem dois pontos que deveríamos ressaltar; que o movimento sindical se robusteceu a partir das greves do ABC em 78. Depois, vieram as greves dos bancários, as greves de professores, a nossa, a de São Paulo etc. Ele era um movimento sindical muito diferente e muito mais profundo do que todo sindicalismo existente anterior a 64. Realmente, você teve, pela primeira vez na História do Brasil, grandes massas de trabalhadores se mobilizando e fazendo greves de onde emergiu a liderança do Lula e daí surgiu um Brasil, que seria o Brasil que começou a ser abalado nos últimos anos. Porque o fenômeno... eu sempre digo isso, a gente pode comentar várias coisas, sobre o impeachment da Dilma, eleição do Bolsonaro, mas o que a gente não pode deixar de assinalar é que há um novo Brasil. Muito diferente do nosso. O nosso, é o Brasil que nasceu com o ABC, que nasceu com as lutas operárias, e os professores ali pela primeira vez. Ali, no nosso movimento, não havia mais espaço para sindicalismo de professores Udenistas (União Democrática Nacional) porque a nossa identidade como trabalhador apareceu de uma maneira completamente inédita. Era a crítica que nosso movimento fazia muito à ideia da vocação, do professor vocacionado. Nós éramos trabalhadores.

Esse Brasil, agora, nós vamos ter que lidar com ele, porque é uma questão simplesmente política, de disputa política, disputa ideológica ... vamos pra

luta. É um Brasil que eu chamo de Brasil sertanejo, é o Brasil do agronegócio, é o Brasil de Goiás, essas regiões, de toda uma nova classe média. Têm, até, inclusive, segmentos sociais, que ascenderam durante a era Lula, mas que, por vários motivos, estavam insatisfeitos. Então, a cada momento histórico de uma sociedade, cada momento histórico da nossa sociedade, corresponde a uma ascensão social própria. Assim, como na revolução de 30, foram as massas urbanas, as populações urbanas das grandes cidades, a indústria de São Paulo e a partir dali se estruturou todo o Estado Novo etc. Então, esse é o primeiro ponto que eu queria destacar. E o outro ponto nessa frase que eu destaco é o seguinte: uma nova força sindical – nós dentro dela – surgia e rompia com todos os limites da ilegítima legalidade vigente. Porque a coragem das professoras primárias era de um atrevimento total... era um atrevimento total... porque tudo era ilegal. Existia uma ditadura, existia uma legalidade. Então, elas quando saíam para a rua, quando faziam piquetes, quando faziam greve, quando discordavam do marido, elas estavam entrando em um terreno de ilegalidade dentro daquela legalidade. Gostaria de assinalar isso também, porque aquela legalidade já não tinha mais legitimidade nenhuma. Ela estava começando a ser superada, digamos assim, por esses movimentos todos, quer dizer, o direito de greve era proibido, greve era proibido! Mas nós fizemos a greve de 79 na marra, realmente, e sabendo que a qualquer momento poderia vir a repressão. Só que a repressão não podia vir por que o apoio da sociedade àquela nossa greve foi uma coisa impressionante. O Drummond fez crônica no *JB*. Naquela época, tinha competição na mídia. Naquela época, tinha pelo menos dois jornais – *O Globo* e *JB*.

LIA FARIA: *Correio da manhã.*

ÍTALO MORICONI: Ainda tinha o *Correio da Manhã*? Olha aí, o meu Alzheimer atacou, tinha esquecido do *Correio*. Mas o fato é que você tinha dois jornais ... três jornais ... Tinha também os outros, a *Última Hora* era muito mais interessante, você não tinha aquele discurso monocrático. Hoje você realmente precisa de um discurso. O pessoal fica falando da Venezuela, da Rússia, da China, mas em matéria de comunicação midiática, realmente,

a gente vive uma situação de totalitarismo, de pensamento único, você não vê uma divergência. O Romero Jucá ainda fez o favor de acabar com horário público gratuito na televisão porque todo mundo odeia o horário público gratuito na televisão, mas na realidade ele é uma medida muito democrática e raríssima. Nenhum país do mundo tem um horário gratuito onde qualquer partido pode falar. Nos outros países, você tem que pagar propaganda para ter espaço na mídia. Então, você vê, a reforma da previdência, não houve discussão na sociedade, nenhuma, você não viu nenhuma divergência na televisão. Todo mundo, na televisão, concordava, que nem um carneirinho, com tudo que era proposto pelo Guedes.

Então, naquele tempo, tinha o *Jornal do Brasil* que também criticava a gente. Todos eles criticavam a gente, mas na hora que os cronistas, que o Drummond, começou apoiar, ficou um pouco difícil. Então, foi um movimento muito bonito, que teve muito respaldo da sociedade que, portanto, deu a maior cobertura para algo que era ilegal naquele momento. Eu me considerava mais um observador porque eu era um jovenzinho e fazia mestrado. Era intelectual, fazia parte do grupo de estudos sobre Marx. Tinha estudado Ciências Sociais.

HILDÉZIA MEDEIROS: Era anarquista.

ÍTALO MORICONI: Tive até um começo ‘anar’ ..., eu sempre tive o meu lado desejanter, mas eu era um participante inflamado das discussões estratégicas. Eu era um participante denodado porque eu faço o gênero pé de boi, então, tinha muito trabalho a fazer e a gente trabalhava mesmo ... trabalhávamos mesmo. Então, eu era um participante já maturado nos meus 26 aninhos. Não era tão criança assim, embora fosse visto pela ‘galera’ da assembleia como um neném, mas eu já tinha 26 anos. A mim coube, por designação de Godofredo, Hildézia, Ricardo Bellingrodt e a aquiescência do conselho revolucionário... eu chamei assim de conselho revolucionário. Era um conselho, mas qualquer conselho é revolução, né? Não tem revolução sem um conselho.

PLATEIA: Não se esqueça de uma pessoa, que não pode ser nunca esquecida nessa categoria – Mario Zumbeira.

ÍTALO MORICONI: Sim, Mario Zumbeira, com certeza. Mas não foi ele que me designou para mesa e, depois ... vou até te contar uma história.

PLATEIA: Uma pena que não está aqui.

ÍTALO MORICONI: Ele faleceu, né?

PLATEIA: Não. Está vivo!

ÍTALO MORICONI: Cadê o Mario?

ÍTALO MORICONI: Então, a mim coube, por designação de Godofredo, Hildézia, Ricardo Bellingrodt e a aquiescência do conselho revolucionário, presidir as assembleias. Aquele negócio que a Hildézia falou, briga de um lado, briga do outro ... Eu sempre... na verdade, eu tinha interlocução com os dois lados. Essa que é a grande questão. Eu tinha uma interlocução, aí o Godofredo...

HILDÉZIA MEDEIROS: Poder moderador.

ÍTALO MORICONI: Poder moderador e a mesa de uma assembleia, sobretudo, era moderador, né?

E o Godofredo, com a esperteza dele falou; vai ser o Ítalo e todo mundo concordou. Então é o Ítalo. Agora, eu quero ver vocês diante de uma assembleia, no Sindicato de Operários Navais de Niterói. No meu *post*, eu botei assim: “era a aliança intelectuais e operários”. Mas era mesmo, era aliança intelectuais e operários, era ... o que eu digo... é que não era mais um lado a esquerda e outro lado o lacerdismo. Era o professor trabalhador e o trabalhador que estava movimentando o país todo. Então queria ver vocês, com esse cartaz com o poema do Cabral.

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Gente, agora que já tumultuou geral, eu vou chamar Godofredo, Marlene e Dodora para virem para a mesa, tá?

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Então passo a palavra, de novo, para o Ítalo e depois que o Ítalo parar de falar, eu queria chamar Diana e Florinda para fazerem uma saudação em nome do SEPE hoje. Eu estava esperando a mesa chegar.

ÍTALO MORICONI: Gente, eu vou abreviar, porque a mesa aumentou, para dar tempo para todo mundo falar. Mas só para dizer para o Godofredo ... que eu tinha acabado de dizer ... que ele teve a ideia, junto com Hildézia e Ricardo Bellingrodt, os chefes, de me indicarem para ser mesa na assembleia e o conselho revolucionário aprovou! Então, o que eu estava querendo dizer para vocês de maneira colorida, é o seguinte: eu queria ver vocês – uma geração – e queria que vocês nos vissem – uma geração que tinha crescido na ditadura – sem qualquer prática de mobilização, uma coisa que realmente tinha ficado lá atrás, antes de 64. Em 68, tinha tido alguma coisa, mas era mais movimento estudantil, então essa massa de cinco mil ou mais professores...

HILDÉZIA MEDEIROS: Cinco?

ÍTALO MORICONI: É muito mais, né? Estava lá, lotado, o professorado todo ... e eu falei que tinha essa coisa de Alzheimer que não me lembrava dos detalhes ... mas uma coisa que eu nunca esqueço, realmente, é a barca Rio-Niterói que eu peguei para ir para assembleia, e, aquela coisa maravilhosa porque era uma multidão, que não acabava mais, uma multidão que chegava na barca, que pegava uma barca, pegava outra, e pegava outra. E de repente nós chegamos naquela assembleia multitudinária. E eu digo – não sei como sobrevivi, mas atravessei galhardamente aqueles oceanos de gente, cumprindo o papel de voz moderadora, moderador formal do debate. Ai, também, fui surpreendido, por inexperiência total da prática política, porque, já naquele momento, ali, surgiram desconhecidos, alas extremistas ... Então, você, uma pessoa que passou a vida lendo *O Capital*, de repente, recebe um papel do tamanho de um bonde escrito assim “a mesa é fascista!”. Putz! Foi realmente terrível ... foi terrível.

HILDÉZIA MEDEIROS: Era o LIBELU ou a Convergência?

ÍTALO MORICONI: Não. Era o amigo da moça ali. (risos). Depois ... Mario era um grande militante da Zonal Norte. A Zonal Norte é o máximo. Aliás, a Zonal Norte já tinha aparecido na primeira assembleia no Sindicato dos Professores. O Godofredo vai saber esses detalhes todos ... que eu falei que você mandou o histórico detalhado ... só estou lendo o meu *post* do *Facebook* que é uma memória geral. Eu comento o seguinte: “como moderado político”, não apenas o moderador do debate, agora, na velhice, eu estou assumindo mais. Eu sou um moderado político, entendeu? Mas eu não sou ‘isentão’ não ... não sou ‘isentão’.

HILDÉZIA MEDEIROS: Você não passou na POLOP não?

ÍTALO MORICONI: Passei pela POLOP (risos) – “Como moderado político, na primeira e histórica assembleia de greve de professores públicos do Estado do Rio de Janeiro, desde 68, não me dei muito bem, pois a minha proposta era uma greve de três dias, uma greve por tempo determinado, enquanto a posição vitoriosa, aclamada de maneira triunfal pela multidão, decretou greve por tempo indeterminado, açulada pelo Godofredo e pelo pessoal de Campos. Tudo bem, estamos na democracia. Essa modalidade tornou-se o modelo de uma forma de luta que seria empregada *ad nauseam* nas duas décadas que se seguiram.” Então, esse é um grande debate teórico prático do movimento sindical do magistério que é a questão da duração das greves, do papel da greve etc., e não vamos levar esse debate aqui de jeito nenhum.

Hoje, eu vejo que a minha posição podia até ser abstratamente correta, mas ela era impossível de ser encaminhada naquele momento. Ela pressupunha um nível de organização que não se tinha na época. E creio que se não tem ainda ... Então, realmente eu tenho que reconhecer que aí a visão da Hildézia, do Godofredo ... esse pessoal, eles tiveram uma visão. Com essa massa aqui o que nós vamos fazer? Vamos partir ‘pro pau’ mesmo e tinha esse apoio da sociedade por trás. Naquele momento a greve tinha mesmo que ser uma coisa selvagem, uma onda crescente, até que fosse arrancada do governo uma vitória final. E ela veio! Ao cabo de duas semanas de greve, entre outras

conquistas da pauta, as professoras primárias tiveram um aumento de 400%. Os números eram assim na era da inflação, era aumento de 180% no final do ano, inflação de 200%. O Brasil estava assim. Mas 400% não era uma grande coisa. Dava quatro a seis salários-mínimos, eu acho, ao mês.

Um dos estopins da nossa greve de professores foi uma greve de garis. Lembrou-me, ontem, o Godofredo, em um telefonema. Tinha me esquecido disso. Outro movimento revolucionário ... qualquer greve era revolucionária naquele momento ... Outro movimento revolucionário naquele início de final de ditadura, tinha sido essa greve de garis do Rio que, também vitoriosa, elevou seus salários acima do salário de uma professora primária. Então, aí, realmente, foi um estopim muito grande. Acho interessante – eu tinha me esquecido disso, mas acho interessante pra ver o histórico também de luta do gari do Rio de Janeiro. Não é à toa, que eles são aplaudidos, lá, no Sambódromo, todo ano. Eles são uma parte integrante muito forte realmente da nossa sociedade, das lutas populares, e eles tiveram influência no nosso caso também. Foi uma grande vitória! Para encerrar, até o Drummond publicou crônica no *JB* sobre o movimento. Aparecíamos no horário nobre da TV todos os dias.

HILDÉZIA MEDEIROS: Fátima Bernardes.

ÍTALO MORICONI: Fátima Bernardes, Glória Maria.

HILDÉZIA MEDEIROS: Ela era iniciante.

ÍTALO MORICONI: Iniciantíssima ...

HILDÉZIA MEDEIROS: A gente dizia quais eram perguntas que ela devia fazer.

ÍTALO MORICONI: É exatamente ... e a Glória fazia muita entrevista com a gente, ela gostava muito da gente, todo mundo gostava, né? Mas era 79. Ah ... Então, o SEP, depois CEP, hoje SEPE, foi colocado na ilegalidade. Que só seria levantado alguns anos depois, já com Brizola Governador, e Darcy Ribeiro no comando da Educação em 82 e 83.

Então, somos ainda colocados na ilegalidade. Eu queria dizer, sem querer tirar o espírito alegre de festejo de comemoração, é que passados 40 anos, eu não sei se é assim no Brasil inteiro, se é assim no Estado inteiro, mas eu acho que a gente ainda não conseguiu resolver o problema da Educação Pública de qualidade universal no nosso país. E isso é muito triste porque aquilo que me levava mesmo para as assembleias era achar que a gente estava criando um sistema público universal de alta qualidade. Como eu falei no início, todo movimento é único, então, aquilo era único ... porque você se rasga todo numa greve ... Não dá para você fazer greves como aquela a vida inteira e esse para mim foi o problema também que afetou um pouco depois ... Enfim, isso é uma discussão. O fato é que não aconteceu.

A gente ainda continua numa situação em que até mesmo segmentos de trabalhadores são obrigados a pagar uma fortuna por uma educação, em uma escola particular qualquer, de má qualidade. E o ensino público que seria o equalizador das oportunidades, ele continua ainda dependendo de muita luta e muito investimento, e, portanto, a gente precisa esperar. E precisa novamente de um movimento que tenha sabor de nunca antes, que tenha essa gana do nunca antes. Era isso, para começar.

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Agora, Dione e Florinda, vão fazer uma saudação em nome do SEPE atual e perguntar se mais alguém gostaria de fazer uma saudação. Se vocês quiserem sentar-se à mesa, nos darão prazer ... A Claudia pediu para diminuir um pouco a luz, porque vão ficar passando todas as fotos, imagens, de todas as nossas eras... Então, podemos usar microfone, Florinda, porque está gravando.

FLORINDA LOMBARDI: É muito emocionante, não sei se todo mundo está sentido assim na pele tudo que eu estou sentido... Eu só acho que esse ato deveria ser junto com o SEPE, quanta gente eu deixei de chamar para cá porque eu fiquei sabendo em cima e quantas coisas a gente tem para depor, para testemunhar, para falar e para explorar. Infelizmente, nossos dados não con-

seguem fazer isso. Apesar de tudo, de nós, inclusive, estarmos empenhados na memória, a gente precisava recuperar algumas coisas.

Mas a greve de 79, que eu digo que foi a nossa grande greve, a nossa primeira greve, aquela greve que projetou o SEPE, estimulou o SEPE no caminho das novas lutas que se constrói até hoje de jeito diferente, ou errado, ou certo. A gente, hoje, está na direção, gastando muita energia nessa conjuntura. Descobrir de que maneira, que atividade, que a gente mobiliza a categoria ... E sempre entendendo que sozinhos não lutaremos, não resolveremos o problema da Educação Pública, a questão salarial e da própria sociedade. Mas eu como uma pessoa que participei intensamente da greve de 79 ... eu ajudei a construir o SEPE de Caxias ... em que conheci essas pessoas aqui na luta, que são nosso patrimônio... Eu faço muitas perguntas, eu queria debater muitas coisas, discutir muitas coisas... Os detalhes a gente não sabe. Eu estou falando de 79, mas a gente tem outros movimentos do SEPE que a gente não conseguiu decifrar, interpretar e ouvir. Como, por exemplo, a greve de 88 ou de 100 dias ou mais, que precisava ser lembrada, são mil elementos. E eu digo que o SEPE, no cenário das lutas, embora, não seja completo, embora, não sejam concluídas essas lutas, ele é completo, no que ele criou, no que ele fez, no que ele experimentou, na nossa situação de oposição. Aliás, eu digo, já entrei no SEPE em oposição ao Godofredo. Enfim, né? Tem uma oposição, mas isso era uma riqueza, a gente tinha muitos debates que nos diferenciavam na época. Isso era a riqueza do sindicato. Eu queria interpretar, inclusive, quando a Hildézia ... o grupo denunciou aquilo ... não sei se alguém sentiu mais do que eu. Eu estava a uma semana para ter filho ... a gente não conseguiu aprofundar isso. A gente não conseguiu aprofundar inclusive as diferenças que haviam na própria direção, embora, não aparecessem na foto, né? Homogênea e forte. A gente não conseguiu avaliar a greve do governo Brizola que, contraditoriamente, foi aquele que reabriu o SEPE, e que, no entanto, insatisfeito com a categoria ... a categoria foi à greve também, alguém diz que foi a maior e foi – quase 30 mil no Maracanãzinho! Enfim, a greve depois, do Moreira Franco, que jogou bomba na gente, e no final, consegui-

mos, inclusive, naquela época, um prêmio de consolação, direito à licença hospitalar. Enfim, se eu fosse dar vários exemplos do que a gente precisava aprofundar, eu diria que o nosso sindicato perde muita oportunidade desse enriquecimento, dessa condição, que foi feito. Isso aqui era para estar lotado, a categoria tem que saber que tudo começou na greve de 79. Muitos nem sabem que nós tivemos uma experiência unificada entre Estado e Município. O que foi, por exemplo, a unificação com a Guanabara. A Lia falava muito bem desse fato ... E, estamos aqui, agora, nós estamos vivendo numa conjuntura que só não é igual àquela porque os dirigentes, que fazem o papel de ditadores, sequer são clássicos. Então, eles se arrebetam com eles mesmos, mas nós estamos mais uma vez ... e a nossa direção está mostrando isso... continuar a luta e honrar aquilo que muitos de vocês aqui, especialmente vocês aqui, construíram para nós, para a escola pública, para sociedade. Muito obrigada.

PLATEIA: Palmas.

DIONE LINS: Boa tarde, eu penso isso também, eu estou muito emocionada também. Como Florinda... Eu acho que mais ainda porque estou vendo aqui a memória viva do SEPE. Nós, da direção atual, estamos trabalhando muito para que essa memória não se perca. Temos um trabalho que está começando com a Secretaria de Assuntos Educacionais do SEPE, o Centro de Memórias, lá de Caxias... A gente está levando todo nosso material para lá.

No dia 16 de dezembro, nós vamos fazer uma homenagem a todas e todos os lutadores e lutadoras da greve de 79 e de todo esse período que a gente está vivendo no sindicato. A gente ainda não tem um local definido, mas todas e todos estão convidados. Também estamos aqui, porque daqui a pouco a gente quer conversar com vocês... A gente marcou com Hildézia, com o Godofredo e quer saber de vocês o que vocês viveram. Parabéns para todo mundo, parabéns para todos. O SEPE somos nós. Nossa força, e nossa voz!

LIA FARIA: A gente vai fazer um *break*. São só três minutos para realmente a gente ver o filme. São três minutos. Nós, em plena ação!

LIA FARIA: Tinha som. Houve um problema com o som, gente!

CLAUDIA FERREIRA: Bom, tinha som. Essas fotos são fotos que eu fiz de algumas greves dos professores. De 79, tenho poucas. Essa é de 79, por exemplo, e tinha som, né? Não tem som. Aí é a campanha de eleições de diretores de escola em 87. Aí já é uma assembleia em 87. Aí é o congresso estadual do SEPE, uma assembleia no CIEP Tancredo Neves. Isso é uma passeata no Palácio Guanabara, a Dodora ...

ÍTALO MORICONI: Era com o Moreira?

HILDÉZIA MEDEIROS: Era com o Moreira. Isso foi depois do Brizola. Ah, Bernadete Moura ... É a Bernadete?

CLAUDIA FERREIRA: Aí foi uma grande passeata que aconteceu em 1988 na avenida Rio Branco. Aí é 2013, já.

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Gente, agora vou passar a palavra para o pessoal de Volta Redonda que acabou de chegar aqui. Desde 10 horas da manhã que eles estão na estrada tentando chegar. Acho que eles vieram a pé. Bom, vou passar a palavra. Primeiro, para a Marlene e depois para Dodora.

MARLENE FERNANDEZ: As pessoas que frequentavam as assembleias naquele momento da greve de 79, têm um outro rosto, de uma outra pessoa, que falava pela nossa profissão como liderança. Uma pessoa importante, que hoje não está aqui, era a Eloá Jane, a professora Eloá. Que hoje está ... eu acho que... em Rio das Ostras, mas que foi uma pessoa extremamente importante na organização dos professores e na construção do SEPE no seu primeiro momento.

Então, eu vou falar como alguém de uma cidade de interior, de uma cidade operária, que tem uma história, que tinha uma história anterior de lutas das organizações operárias e de organização. Já se colocando desde o período da ditadura. Já se colocando em processo de organização de base via Igreja

Católica, pela Teologia da Libertação. Seja pela luta dos operários que foram demitidos da CSN durante o processo da ditadura. E eu fiz parte ... a Eloá ... fizemos parte, no primeiro momento de um MDB trabalhista, que articulava os trabalhadores na luta pelos seus direitos, que foram cassados na ditadura. E era, também, nesse espaço que se colocava também, já, a luta pela Anistia. Então, a gente tinha uma sensibilidade, digamos, né? Eu sou filha de um operário que era área de influência do PCB, ferroviário... história anterior.

Bom, quando surge o movimento do SEPE de 79, a pessoa que vai a Volta Redonda ... e eu gosto de lembrar as personagens ... É bom lembrar, foi a Hildézia que foi a Volta Redonda se encontrar com um grupo de professores que se reuniram em casas de colegas. No caso, da Elvi Vasconcelos, que era uma filha de pescador, também ex-militante. Tínhamos, também, logo adiante, companheiros que saíram da prisão e que foram referências para gente, a Jesse Jane e o Colombo Vieira. Enfim, a gente tinha uma série de referências que iam se construindo e movimentos que iam se construindo na cidade ... já iam se construindo. Nós participamos de tudo – pela luta da Anistia, pela Nicarágua – em tudo que tinha, a gente se enfiava. Bom, na minha trajetória pessoal na relação com o SEPE, o que acho que foi extremamente importante para minha formação política foi lidar com essa diversidade que o Ítalo estava falando. Com essa diversidade de posições, com esses quebra-paus, com essas discussões de estratégias ... E eu vinha também nessas reuniões, eu não era a que falava lá na frente, mas eu vinha para ajudar o que depois a gente tinha que articular em Volta Redonda. Isso, para mim, foi uma escola – uma escola política, de formação, de compromisso com a escola pública e de compreensão do papel da escola pública na sociedade brasileira – e principalmente em uma sociedade tão desigual. Então, isso para mim foi assim, eu descobri o mundo, com o Ítalo, com a Hildézia, com o Godofredo, com o Luciano e alguns outros também que eu achava que eram meus rivais. Além de tudo, brilhantes, uma coisa inquestionável também.

Em Volta Redonda, da mesma forma que o Ítalo relatou, foi um estouro das professoras primárias, a libertação das professoras primárias – nós éramos

radicalizados, puxando a greve até morrer – e elas lutavam mortas de raiva e coitado de quem passasse pela frente, porque a gente tinha que conquistar até o final, não queríamos parar. Então, foram essas professoras primárias que iam ... a gente acordava de madrugada e íamos panfletar na porta da usina e os operários diziam assim – a gente tem que aprender com essas professoras, a gente tem que aprender com as mulheres, nós não somos de nada (eles não faziam nada), elas é que estão aí lutando –. E eram as mulheres dos operários, eram as mulheres desses operários, na sua grande maioria, que construíram aquele movimento, uma organização ... a gente tinha uma organização. A gente montava piquetes nas escolas, a gente mapeava, fazia grandes reuniões com representação de todas as escolas, mapeávamos as escolas onde tinham problemas com o diretor. A gente jogava um monte de piquete lá na frente e não entrava nem a diretora. Nós construímos uma organização e uma relação com esse pessoal. Então tinha uma organização desse movimento.

Mas voltando à minha história, é este movimento, que eu acho que nem todos ficaram como eu, por exemplo, dirigente sindical. Eu não tinha como projeto de luta na minha vida. A minha questão é trabalhar com o conhecimento que eu achava que era importante para o movimento social. Mas o meu projeto era trabalhar com a Educação popular, eu queria trabalhar com consultoria, montar centros de cultura. A gente chegou montar em Volta Redonda para trabalhar na assessoria de movimentos sociais, e assim eu fiz ao longo ... Durante muito tempo, fui assessora de formação sindical no Sindicato dos Metalúrgicos na época daquelas grandes greves. Então, eu e algumas outras pessoas que participamos do movimento, ao mesmo tempo que nós saímos ... nós fomos saindo e fomos ser ativos, fazer a nossa militância em outro espaço, mas trabalhando na Educação. Outras pessoas assumiram, foi o caso da Dadora, já assumiu de frente, organizando o SEPE, até hoje segurando esse SEPE ... mantendo ... Então, eu acho que foi um momento. Eu estou falando aqui de importância. Eu acho que construiu quadros ... esta greve construiu, para Educação, quadros comprometidos com a Educação popular pública.

E quando eu, alguns anos depois, venho para cá fazer mestrado em Educação e me encontro com Lia no IESAE, da Fundação Getúlio Vargas, para estudar a questão da Educação popular... E, nos congressos, logo depois no governo Brizola, nos congressos da Educação, com as teses propostas pelo professor Darcy Ribeiro, e que nós fomos, lá para frente, brigar, naquelas teses ... eu, Lia e muitos outros ... reencontrei companheiros formados nessa greve. E muita gente que construiu proposta alternativa, de práticas pedagógicas alternativas, dentro das escolas. Foram vários ... encontrei com muitos, né? Então, eu não vou aqui fazer história, contar história, mas falar dessa importância que foi para mim, não foi só para mim não. Eu acho que muitas práticas pedagógicas alternativas populares que a gente teve na rede pública tem a ver com o pontapé dado nessa greve e na nossa militância no SEPE. E acho que nós conquistamos ... Eu estava conversando com Dodora antes... Eu acho que nós conquistamos algumas coisas nessa greve. Eu acho que tal a visão pra frente que tinha esse grupo... conquistamos coisas que nem nós estávamos maduros para enfrentar, conquistar e levar para frente. Mas a gente não tinha esse nível de organização na escola, nem de consciência, nem de projeto como também os governos... tivemos uma proposta com o professor Darcy Ribeiro... Nenhum projeto de Educação popular que pudéssemos pegar essas conquistas de espaços coletivos de discussões, de organização, e construir alguma coisa alternativa para escola pública. Bom, depois a gente vai conversar mais, aí eu falo mais. Obrigada.

PLATEIA: Palmas.

MARIA DAS DORES MOTA (DODORA): Como diz o outro com muitas emoções ... Ultimamente a Lia mais a Thais têm colocado assim, um aflorar permanente das minhas emoções. Qualquer hora dessa, eu infarto. Mas então, a minha trajetória é uma trajetória que vem das comunidades de base. Então, desde lá de 64, eu já participava em grupo de jovens e toda essa formação dada pela Igreja. A greve de 79 foi um marco da prática de tudo isso, de como, diante de tudo aquilo que a gente debatia e discutia, inclusive na clandestinidade, lá no bispado do Dom Valdir, e a oportunidade de testar, inclusive.

Eu estava – na época que a gente estava conversando a história do projeto de Educação popular, que a gente nunca conseguiu finalizar, concluir no Estado do Rio, principalmente – eu trabalhava no Laboratório de Currículos.

Eu era encantada com aquela proposta do Laboratório de Currículos, era implementadora em Volta Redonda dessa proposta e quando a greve foi aprovada eu saí do laboratório, saí da coordenadoria regional e fui para a greve em Volta Redonda. Eu participei muito pouco aqui no Rio de assembleias e tal. E como a gente tinha acesso a várias escolas com a implementação do projeto da Myrtes Wenzel, que para mim era uma contradição, porque a gente estava em um momento, mas a Myrtes Wenzel implementava um projeto exclusivamente pedagógico. Era um projeto de muito conteúdo e era muito fácil de fazer a implementação daquele projeto, principalmente, na área do Português. Então, isso ajudou muito a mobilizar também as escolas ... ajudar nessa mobilização.

Uma coisa que eu fico pensado também, na nossa região de Volta Redonda, que era uma região extremamente machista, era o operariado que mandava. Tudo era CSN. Essa coisa ... na nossa greve, eu só me lembro de um homem que participava das mobilizações, que é o João Marcos, professor João Marcos. Me lembro dele numa vez que a gente foi em uma escola, chamada Escola Estadual Guanabara, que era de três andares. Lá em cima, ele pegou a frente e falou: “Vamos saindo ... vamos saindo”. Mandou os alunos saírem e todo mundo saindo, correndo e correndo e a gente junto, botando aqueles alunos para fora e as professoras todas apavoradas, porque era uma escola que ainda estava funcionando.

Dentro desse aprendizado com a greve, depois, eu nunca quis ter carreira acadêmica, a Lia até que insistiu comigo, eu cheguei a tentar o IESAE, mas nunca foi minha praia. E depois com a renúncia da direção ... Eu tentei, mas acabei voltando para o SEPE. Hoje não estou mais no SEPE. Aliás, as nossas companheiras coordenadoras gerais do SEPE de Volta Redonda estão aqui – Luiza e Marina, e a Isabel é veterana nossa lá na greve de 79. Né, Isabel? (pal-

mas). Então, era uma mulherada danada, a gente fazia isso que a Marlene falou da siderúrgica. A gente ... me lembro ... que nós fizemos umas sacolas para o fundo de greve e íamos para porta da CSN com aquelas sacolas e saíamos de lá com as sacolas cheias de dinheiro. Os operários botavam dinheiro nas sacolas para ajudar na greve dos professores. Então essa história do laboratório de currículo foi muito importante pelo menos para mim que me deu base, inclusive, para depois, como coordenadora pedagógica – sem nunca ter feito pedagogia – na coordenação da rede municipal de Volta Redonda.

A gente discutia Paulo Freire, Rosiska ... fazia todo um trabalho que também culminou, depois, em grandes greves em Volta Redonda e na participação maciça da categoria na greve de 88. Foi a greve onde os três operários foram assassinados pelo exército na siderúrgica. Eu costumo sempre dizer que o SEPE, ele tem uma tendência, um caminho da unificação e da busca da unidade. Foi a unidade das três, a busca das três entidades. Depois, com toda aquela crise ... a abertura dos quadros do funcionalismo, depois a incorporação ao SEPE das supervisoras e orientadoras. Então... busca sempre essa ampliação dos seus quadros. Relembro a história do SEPE, eu estou tentando recuperar a história do SEPE, ano a ano, não é uma coisa acadêmica, é uma coisa cronológica; ano a ano. Aí me lembro muita coisa, eu vou encontrando coisas interessantíssimas nessa história. E algumas... que eu mando as perguntas. A Florinda não me respondeu até hoje. Eu peço para mandar algumas coisas das memórias para acrescentar que não é uma coisa que eu sou a autora, mas a autoria vai ser de todo mundo que está colaborando. O Godofredo deu uma colaboração ... assim, excelente ... Recuperando a greve das conveniadas que é uma greve que foi o desdobramento da greve de 79, e que ninguém fala. Em lugar nenhum se fala dessa greve e essa greve foi a que interiorizou o SEPE. Eu estou cobrando dele, eu queria fotos para poder colocar nessa recuperação. Então, a história da democracia dentro do SEPE também ... eu aprendi democracia com o SEPE.

Quando dirigi escola, e fui eleita diretora de uma escola dentro de uma crise, porque teve uma greve dos alunos do terceiro turno. Eram alunos que

vinham das empreiteiras da CSN. Um estava dormindo e o coordenador de turno resolveu colocar ele para fora de uma forma muito estúpida e a escola parou. Parou na defesa desse aluno, protestando contra essa atitude. E ao assumir essa direção, eu tentei colocar em prática aquela ideia de democracia, que todo mundo fala – todo mundo é ouvido. Um ano, ficamos patinando, não avançava! Aí, no final do ano, uma assembleia na escola ... assembleia na escola e ... vamos seguir com quem quer construir o projeto, quem não quer... e eu aprendi isso, entendeu? Porque, às vezes, você fica parada no debate, na democracia que é importante debater. Mas não basta só debater, você tem que assumir junto porque se não assume, as coisas não andam. Eu penso muito nisso.

Acho que o SEPE também tem uma história muito rica de resistência, a resistência desse sindicato não é qualquer coisa. Às vezes, quem está mais afastado ou quem ... a gente tem muitas críticas, muitos problemas internos, muitas divergências, vamos dizer assim, mas resiste sempre. Para mim, o maior exemplo da autonomia e da resistência do SEPE foi quando a Benedita estava no governo, que não era porque era Benedita e que todo mundo era do PT, que o SEPE, como diz o outro, 'regassou'. Fomos para lá, ocupamos o Palácio, entramos, exigimos... Então, eu acho que essa história, ela é permanente, e ela às vezes fica mais latente, outras vezes ela vem com mais impulso.

O que aconteceu, nesse Estado do Rio, em 2013, a greve do município do Rio, que para mim, foi uma greve nos moldes da greve de 79, porque não foi brincadeira aquela praça de guerra que se criou ali na Cinelândia. Foi uma coisa terrível ali! Então, acho que a gente tem que preservar ... os novos não conhecem essa história. Então, a gente começou, lá, no encontro de aposentados, né, Hildézia? Com um quadro muito interessante do encontro de aposentados que era um encontro que vinha sempre na mesmice. Acho que a Dione é que resolveu ajudar a inovar, botar a história do SEPE e tal. E fomos eu e Hildézia, Florinda e mais uma, a Gilda. Cada uma pegou uma década do SEPE, colocada para aquelas aposentadas e foi muito interessante, porque a maioria tinha votado no Bolsonaro. A eleição tinha acabado de acontecer, muitas reações no

plenário, mas reações interessantes, né? Porque a gente tem história para contar e para contrapor a tudo isso que está aí. Então, eu acho que é por aí. Ah, sim ... Eu acho o que falta hoje é coragem. O Ítalo falou de coragem ... a gente tinha muita coragem, né? E essa coragem, em volta Redonda ... a gente já tinha, anteriormente, enfrentado a ditadura. Aprendemos a enfrentar essas coisas nas comunidades de base e depois essa coragem nós aplicamos na greve de 88 com os metalúrgicos, naquela baioneta daqui o exército dali polícia militar ali. Então, as greves, tanto de 79, como 88, para nós de Volta Redonda, foram grandes momentos de aprendizado de como enfrentar o autoritarismo, de como enfrentar tudo que está aí. É isso, gente. Obrigada.

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Gente, vamos passar a palavra para o Godofredo e depois para Hildézia, para finalizar essa parte. E depois vou pedir à Magda para vir pra cá também e pedir para apresentar uma escola de samba, que é a Império da Tijuca. Ela estará nos homenageando, ano que vem na avenida, ... os professores, a Educação, na figura de dois grandes educadores – Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Eles já estiveram, na UFRJ, falando do samba-enredo deles. E, hoje, eles vão vir aqui contar um pouco, para gente, dessa homenagem. Eu acho que todas essas expressões são estratégias políticas de resistência em um momento que a arte, a cultura, em especial o carnaval, o samba – tudo aquilo que tão bem caracteriza a nossa cidade – estão todos sobre ataque. Como a Educação, a Ciência e a Tecnologia também estão sobre ataque. Então, acho que é um momento da gente unir essas diferentes forças que estão na sociedade e que através da sua narrativa, da sua linguagem, lutam também pela Educação Pública.

MARIA DAS DORES MOTA (DODORA): Só para lembrar do Mario Silveira. O Mario também foi outro que foi várias vezes a Volta Redonda. Até, porque, a gente tinha toda aquela história de comunidade de base e o Mario era muito ligado à Igreja e na escola onde eu dirigia, encontrei fotos da Hildézia em reunião com os professores lá na Escola Santos Dummont. O Mario era uma referência para gente também.

GODOFREDO PINTO: Bem, colegas, primeiro queria agradecer a oportunidade de estar aqui trocando ideias com vocês nesse momento. E eu, o Ítalo já fez a referência, fui convidado em setembro, para fazer um debate sobre os 40 anos das greves ocorridas àquele ano – de professores, de bancários com Ivan Piniheiro, da construção civil em Volta Redonda. E eu faria essa palestra, mas aquelas coisas Godofredianas ... Quem me convidou falou em IFICS, mas eu entendi ICHF. Eu fui para o ICHF e fiquei possesso da vida, esperando – “Esse ‘cara’ convida e não aparece”. E era no IFCS ... Achei que era Niterói e tal, que era do Sindicato dos Metalúrgicos. Eu achei que era no Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói. Não, era do Rio, ou seja, uma confusão típica de Godofredo. Então, mas o que aconteceu ..., então, eu tinha preparado umas anotações para falar, lá, no Sindicato dos Metalúrgicos ... e aí a semana passou, e, uma página, uma página e meia, anotações, um resumo ..., não aconteceu, quer dizer, o debate comigo não aconteceu. Claro, que o debate aconteceu. Aí, depois, eu fiz uma segunda versão, um pouco mais ampliada, o que era uma página e meia virou três. E aí, depois, agora, aliás, essa semana, agora, que eu fui chamado para o SEPE para fazer um debate em dezembro, eu e Hildézia, no contexto dos 40 anos, eu ampliei a segunda versão para uma terceira. Aí já com consulta a textos acadêmicos, e aí o que eram três páginas agora são sete páginas.

Mas ressaltando os momentos e os aspectos políticos que eu julgo mais relevantes de todo processo é até 79. Parei em 79, não segui adiante, e queria, em primeiro lugar, aqui, fazer justiça, porque eu fiz esse texto e a cada versão eu ia distribuindo a algumas pessoas. Então tem gente que tem a versão reduzida, outros que ficaram com a segunda versão mesmo. A terceira versão, que eu já distribuí para algumas pessoas, está impressa. Distribuí dez folhas só. O que acontece? Eu, ontem, pensando em vir para cá ..., só cheguei atrasado, porque eu estava fazendo uma perícia médica na prefeitura, que era meio-dia, comecei a ser atendido às duas e quinze. Você imagina que loucura, fiquei lá duas horas e quinze. Só Kafka, com *O processo*, para expressar o que eu estava sentindo naquela maluquice da burocracia. E porque começou às duas e quinze, eu cheguei aqui atrasado.

Mas o que eu quero dizer é o seguinte: de ontem para cá, eu reparei que não deu trabalho, essas sete páginas... Eu não tinha feito menção, feito justiça, a um personagem da nossa luta que não é muito lembrado, nem muito ressaltado, apesar de ter sido presidente do CEP. Chama-se Ricardo Coelho. E por que eu acho importante ressaltar? Porque nós, aqui, vivemos o protagonismo, né? E, na relação, éramos liderança de massa; o Ricardo não era. Não era um 'cara' que tinha um discurso, uma inserção na massa, mas ele tinha uma extrema capacidade – vocação para fazer articulações de cúpula – entre os sindicatos. E, eu quero dizer aqui: só existe o CEP com “C”, Centro Estadual de Professores, porque o movimento tinha Ricardo Coelho, se não é Ricardo, não tinha CEP com “C”, teria SEP (Sindicato Estadual de Professores) com “S”, portanto, teria luta, teria movimento, mas quem fez a fusão foi Ricardo. Acho que ninguém vai discordar disso aqui, nós apenas sacramentamos, na diretoria, a articulação do Ricardo. Foi Ricardo que procurou a direção da UFRJ, porque nós, aqui, estávamos preocupados com a luta, com a mobilização, com organização da categoria. O Ricardo, fazendo as articulações de cúpula de líderes sindicais, e que foi muito importante. Ninguém tem dúvida de que essa fusão que criou o CEP ... não teria CEP com “C” se não fosse o Ricardo Coelho. O que ele fez foi chegar pra gente, veio aqui conversar, nós sacramentamos a fusão. Certamente, deve ter procurado outras pessoas, para dizer que a fusão ... as colegas lá, as diretoras, as senhoras da UFRJ e da APERJ estão topando a fusão. Isto é, para a diretoria aprovar. Eu me lembro que quando ele veio falar comigo ... eu não tive nenhum papel nisso, quem teve, foi o Ricardo... Eu acho que a Hildézia e o Ítalo também não tiveram... Ele chegou para mim, eu falei o seguinte: “Ô Ricardo, eu concordo, eu concordo com o meu nome, para ter a fusão, mas só tem uma coisa, vai ter que continuar o som SEP, me lembro de dizer isso a ele, tem que ter”. Era SEP com “S”, porque as professoras de lá diziam. Não! Se for continuar SEP com “S” não será fusão, será incorporação, seria incorporação das entidades, se é para ter fusão tem que ter uma nova. Eu disse: “Está bom, vamos ter uma nova”, que virou o CEP, mas com o mesmo som. Ou seja, eu queria destacar aqui a importância, porque eu acho essa fusão um fato importante, do Ricardo Coelho (palmas).

Mas não acaba aí, o Ricardo! Segunda questão, a CPB, em 79, teve uma mudança na sua direção porque era uma tal de Maria Telma Cançado, que era uma cansada mesmo, que era ‘pelegona’ daquela ‘pelegona’ completa. A CPB, a entidade nacional, tinha como presidente uma pessoa de Minas, um professor de Minas Gerais, e a CPB na origem, em 1960, era chamada Confederação dos Professores Primários do Brasil, era CPPB. Em 79, mudou o nome, porque ampliou a base, virou Confederação dos Professores do Brasil, de forma a incorporar o pessoal de Ensino Médio. Pois bem, a cansada, não sei por que manobra que foi feita, foi derrubada e o Zanete assumiu! E o Ricardo Coelho foi quem fez a aproximação, nossa, com a CPB. Nós estávamos envolvidos aqui na luta, contra Chagas etc. E o Ricardo, sempre nas articulações de cúpula importantes com o movimento sindical, aproximou a CPB, e a CPB fez um pronunciamento público, na era Zanete, já. Porque Zanete liderava, em maio, uma greve no SEPERS que conquistou 70 % de reajuste e nomeou 20 mil concursados como efetivos. O Zanete teve uma greve vitoriosa. Em maio, teve a greve do SEPERS, do Rio Grande do Sul, e da UTE, de Minas Gerais – tudo em maio. Em grande medida, era consequência da nossa greve em março, porque não era à toa. Bom, teve influência, não vou dizer que foi influência decisiva, porque a nossa, aqui, foi uma vitória, nacionalmente anunciada. Os professores, aqui, tinham conseguido cinco salários-mínimos, aumento 300%, isso quadriplicou o salário. Então, o que acontece? O Ricardo se aproximou da CPB e a CPB tirou um manifesto, uma nota de apoio à nossa greve e de denúncia das repressões do governo de Chagas Freitas. Isso não é decisivo para o movimento, mas era uma coisa que dava mídia, tinha repercussão e foi um movimento importante que o Ricardo fez, seja de fusão ... O CEP com “C” existe por causa dele, basicamente. Não só porque nós apoiamos também, mas só levantamos os dedinhos na diretoria. Ele que operou ... e na aproximação com o CEP foi ele também que foi lá conversar com o Zanete.

Bom, eu queria fazer esse registro de justiça histórica e queria dizer o seguinte – está aqui no meu texto: “Todo evento político e social, como é uma greve

ou movimento de categorias profissionais, têm causas diretas e imediatas e causas indiretas e mediatas, de caráter permanente. Meio que de pano de fundo de cenário, que interferem, não diretamente, imediatamente, mas, então, para além do cenário internacional”. Eu, brevemente, resumo aqui: que interferia porque a SEP com “S” em 77 ... que alguém aqui falou que tudo começou em 79. Não, tudo começou em 77. Porque em 77, a SEP era uma entidade de vanguarda política de esquerda ... de vanguarda de esquerda.

Eram cinquenta pessoas, quarenta pessoas, cada reunião sessenta pessoas no máximo, que se reuniam, ora na ADPUC, Associação de Docentes da PUC, ora na CEU, Casa do Estudante Universitário, às vezes no Santo Inácio – variava. Nessa época, era uma vanguarda política com muitos militantes vinculados a organizações de esquerda, muitos estudantes – não eram todos professores – ou eram recém-formados. Ítalo estava me dizendo que estava fazendo curso de pós-graduação, mas não era maioria da escola pública, não era. Ricardo não era, Ítalo não era, Ruth não era. Por isso, o SEP nasceu como uma entidade de professores públicos e privados, porém, era uma reunião de vanguarda que tinha três grupos. Tinha um grupo que era chamado ‘bloco’, nós chamamos ‘bloco’ lá em Niterói, que era MR-8, PCdoB, PCB e AP. O que tinha de comum nisso, além de ser a distração de origem Estalinista. PCB já era comunista, já tinha feito a crítica e o PCdoB já era maoísta e tal. Mas, enfim, tinham referências internacionais na Rússia, na China, na Itália, do comunismo, nova esquerda. Nos Estados Unidos, tinha o movimento *Black Power*, nos anos 60, os hippies, movimentos da nova esquerda. Mas o ‘bloco’ tinha em comum ... que ele estava com MDB, todos com o MBD. Tinha o MOAP, Movimento de Oposição Aberta dos Professores, que era do MEP, que foi coadjuvado pela Convergência.

HILDÉZIA MEDEIROS: E a LIBELU.

GODOFREDO PINTO: A LIBELU não tinha militantes. Era o gaúcho. Estou falando de 77, estou falando, em 77, na fundação, nos dois primeiros anos, antes da greve ... pré-greve. O que construiu a greve foi esse processo de

77. Então tinha o MOAP que era vinculado ao movimento Pró-PT. Então ‘blocão’ – MDB – o MEP e a Convergência Socialista coadjuvando, que tinha a Maria Helena, movimento Pró-PT e os chamados independentes, que eram – eu, no plano estadual, o núcleo de Campos e o núcleo de Niterói. Os chamados independentes, não tinham vinculação com nenhuma organização partidária, mas também eram simpáticos ao movimento pró-PT. Daí, porque, na fundação e nos primeiros anos, até agosto de 79, foi na primeira greve de março, a aproximação dos independentes – era maior com o MOAP do que com ‘blocão’ – porque nós tínhamos, inclusive, ... eu falo nós porque era eu, além da Regina minha esposa ... tinha André Treuche brilhante, infelizmente falecido, João Batista de Andrade, saudoso também.

Então o que acontece, nós éramos mais próximos do MOAP do que do ‘blocão’, tanto é, que nós propiciamos, através de Campos, propiciamos a greve por tempo indeterminado. Enquanto, que o ‘blocão’ do PCB, do Francílio, propôs greve de três dias, com um argumento – não é para desqualificar –, tinha um argumento válido, que era o seguinte: que o governo Faria Lima, tinha três dias. A assembleia foi dia 11 e o Chagas assumiu dia 15. O governo Faria Lima tinha três dias – 12, 13 e 14. Então, o que Francílio dizia: “Olha, não tem sentido fazer uma greve contra um governo que não negou nada, que não recusou negociação, que não é responsável pelo caos da Educação”.

Tinha alguma lógica, tanto tinha lógica que na semana anterior, eu estava dando aula de matemática no Instituto de Matemática da UFF, me aparece um cidadão dizendo assim: “O senhor está sendo convidado, junto com o professor Ricardo Coelho, para uma conversa com o futuro secretário da Educação, Arnaldo Niskier, no edifício Manchete”. Não era uma reunião formal, porque ele não era secretário, mas era o futuro secretário. Nesta reunião, o Niskier, entre outros agrados ... é natural, né? Para ele vir pedir o que ele queria pedir ... Primeiro, disse que achava que a greve era justa e legítima. Depois, disse que o SEP precisa de uma sede, que ele estava disposto a ajudar nesta questão. Depois, terceiro, que os professores, com esse trabalho importantíssimo sindical, não podiam estar dando aula. Eles tinham que estar libe-

rados, com a licença sindical, e, finalmente ele dizia: “Olha, nós estamos aqui dispostos a negociar e atender, na medida do possível, tudo que está sendo reivindicado, portanto, a greve, eu sugiro, que a greve seja de três dias”. E aí, ou seja – pelo restante do governo Faria Lima – três dias. E, aí, claro, eu e Ricardo dissemos: “Olha, quem vai decidir que vai ter greve ou não, vai ser a categoria na Assembleia. Não vamos assumir, aqui, nenhum compromisso por mais que as propostas, que o senhor esteja colocando, sejam simpáticas”. Não nos cabia assumir compromisso nenhum. Só estou dizendo, ou seja, o que o Francílio vocalizou foi massacrado porque, lá, no Sindicato dos Operários Navais, foram dezenas – eu me lembro – dezenas de municípios. Compareceram cinco mil pessoas no Sindicato dos Operários Navais.

Então, essa questão era uma proposta que se identificava com a disposição de mobilização, que o MEP, que o MOAP, defendiam. Porque o pessoal do ‘blocão’, do MDB, tinha essa preocupação e – justa –, que era um governo do MDB, entendendo, eles (‘blocão’), que o MDB era o grande instrumento de derrubada da ditadura; o principal instrumento político. Então, isso me foi dito numa reunião informal que não foram poucas. Eu tive uma reunião com o Miro Teixeira, na sede do jornal *O Dia*, do Chagas Freitas. E o Miro veio falar comigo o seguinte: “O grande inimigo nosso, (deles e nosso do CEP), o grande inimigo nosso é a ditadura militar, que é o governo que está aí, na ARENA. Agora, o próximo governo é do oposicionista MDB, e que, portanto, deve ser preservado em prol da luta contra a ditadura”. Eu ouvi isso. Ou seja, era um discurso do pessoal do ‘blocão’, não é que fossem ‘pelegos’. Eles tinham uma postura mais moderada por uma avaliação política, de estratégia política.

Enfim, eu estou citando, aqui, alguns episódios que eu acho significativos, porque foi em 77. E aqui, eu quero concluir com uma questão muito relevante. Quando eu disse que tem causas, diretas e indiretas, mediatas e imediatas, é o seguinte: a greve que aconteceu no Rio de Janeiro, com a força que teve, foi muito maior do que qualquer outra greve anterior na área da Educação. Claro, tinha tido a greve dos metalúrgicos, mas na Educação, e, com a conquista que teve, de quadruplicar salário de professora primária

e triplicar do Ensino Médio ... Isso aconteceu por uma circunstância, cuja, origem fundamental foi a fusão do antigo Estado do Rio com o antigo Estado da Guanabara. Porque ao ocorrer a fusão em 74, em 75 ... 74, porque a lei da fusão é de 74. Em 75, foi a posse do Faria Lima, quando começou o governo da fusão. Então, essa fusão criou a seguinte situação: o magistério do antigo Estado do Rio ganhava bem menos que o magistério da antiga Guanabara e isso era uma situação explosiva porque era de uma de uma injustiça gritante. Como o magistério era a maior categoria do funcionalismo, isso era do funcionalismo em geral, todas as categorias do antigo Estado do Rio ganhavam menos do que do antigo Estado da Guanabara. Mas como o CEP – o magistério era a maior categoria – ficou para o final, o processo de equiparação ficou para o final. Começou pelas categorias menores, porque era mais fácil, mais simples e menos custoso – o magistério ficou para o final em 75.

Quando a gente funda a SEP, em 77, não tinha havido ainda a equiparação. É uma das principais... a principal reivindicação apresentada na assembleia de fundação da SEP era equiparação salarial dos professores do antigo Estado do Rio e da antiga Guanabara (tinham outras). E não é que poucos meses depois a equiparação foi feita? Porque isso foi uma pauta... depois vou falar sobre pauta... Questão número um de um movimento é a elaboração da pauta. A pauta é a questão número um. Mobilizar as bases, trabalhar as bases, organizar a categoria é a dois. Um é saber fazer uma pauta, uma pauta que tenha viabilidade de conquista, porque se a sua pauta – a pauta do movimento – é irrealizável, pode ter o movimento que tiver!

Eu me lembro de falar na questão da pauta, que na greve do Moreira, que é uma greve belíssima, fortíssima – de repressão do Moreira – mas a resistência da categoria é imaginável. Antes da greve começar, mas já estava um clima, eu me lembro que me encontrei com Álvaro do PDT. Aí eu vi qual era a pauta: era gatilho salarial, reajuste automático trimestralmente, isso era a pauta. O Álvaro virou para mim e disse: “Pô essa assembleia, essa greve está para vir, vai ser um sucesso, a categoria está mobilizadíssima”. Eu digo: “Eu acho que essa greve está fadada à derrota”. Aí o Álvaro virou para mim,

“Mas como?!” Eu disse: “Ô Álvaro, qual é o governo que vai dar reajuste automático, gatilho salarial só para os professores, e o resto do funcionalismo? Por que só professor tem gatilho salarial e as outras categorias não? E fazer a greve do funcionalismo que é um problema, porque eles estão atrasados e desmobilizados, ou essa greve não vai ter sucesso”. Muito bem, mas aí a greve começou com uma força e tal. Aí eu encontro com Álvaro, depois da greve já em andamento, aquele sucesso, uma mobilização muito bem-organizada. Aí o Álvaro disse: “E aí, Godofredo, como é que é, está vendo aí a greve? Eu digo: “Já ganhou?” O que mede a vitória é a pauta. É o objetivo dela. A pauta é o objetivo do movimento, conquistar aquilo. “Já ganhou, Álvaro?”. Ele: “Ah! Você é pessimista e tal.” – Qual foi o resultado? Derrota acachapante, consegui sei lá o que... uma derrota para o movimento e um momento belíssimo longo, de um heroísmo e de uma garra. Mas, por isso, é que eu boto a pauta em primeiro porque esse exemplo é claro. A mobilização e a organização da categoria têm que estar a serviço de um objetivo.

Bom, em terceiro, é trabalhar a opinião pública. Eu boto, aqui, quais são as questões centrais que eu acho que uma estratégia de greve deve ter. Mas a fusão – que eu digo – é uma causa fundamental que trouxe a primeira vitória. E o CEP era uma entidade de vanguarda. O CEP só se tornou uma entidade de massa com a greve! Aí todo mundo, aqui, entrou ... aqui não ... aqui já era desde o começo. Mas a categoria, em geral, se identificou e passou ... foi com a greve de 79. Essa vitória da equiparação, poucos meses depois do CEP ter feito uma carta pública, foi fundamental.

E houve um segundo momento, antes da greve, que foi um encontro de professores no Colégio São Bento, com 800 professores, – aí já estava virando uma ‘massinha’ –, não era tão vanguarda, no começo eram 50, 60 pessoas. Oitocentos professores que tiraram uma pauta da greve que ocorreu no ano seguinte, em outubro de 78: cinco salários-mínimos – todas as reivindicações – difícil acesso para o professor do Estado, gratificação de regência para o professor do Município, ou melhor, ao contrário, a gratificação para coordenação de turno. Então, aquelas conquistas todas ... Então a fusão trouxe: um, essa defasagem

que irritava o magistério, dois, as consequências da fusão. Não havia, em função da fusão, uma entidade de peso, de tradição, de reconhecimento da categoria. Existiam seis entidades no Estado da Guanabara e duas em Niterói. Quando fundiu, não havia uma entidade do novo Estado, unificadora, o que permitiu que a SEP fosse criada e crescesse. Em São Paulo, já tinha o MOAP participando da fundação da SEP. Existia um MOAP em São Paulo e eles, lá, lutaram com razão para ganhar a APEOESP, que é uma entidade grande, de peso, de grande tradição, de reconhecimento, como o SEPERS do Rio grande do Sul. Aqui, não havia nenhuma APOESP, nenhum SEPERS, nenhuma APP do Paraná – nada. Era entidade, UPRJ, era a APERJ, era entidade de Música, professor de Música, outra, de Educação física, era a UPPES de Niterói, era a APEM. Isso era resultado da fusão. A fusão, ao unificar o magistério, mas por não ter uma entidade de peso, permitiu que a SEP se colocasse.

E o terceiro resultado da fusão foi o racha no MDB, uma questão institucional de importância, porque o cacique do atual Estado da Guanabara era o Chagas Freitas e o cacique do antigo Estado do Rio era o Amaral Peixoto, quando fundiu houve uma disputa tremenda, fratricida – e o Chagas ganhou. Então, o que acontece nesse racha teve influência? Teve, não é direta, mas teve influência. Por quê? Primeiro, quando houve a assembleia nos operários navais, lá, juntando cinco mil professores, o prefeito de Niterói era o ‘Amaralista’ Moreira Franco – genro do Amaral. E não é que as lideranças do SEP, não sei que estalo brilhante – as lideranças do SEP local; Regina, André Treuche, o pessoal, Joao Batista – eles foram pedir ao Moreira para ceder cadeiras das escolas municipais para criar melhor condição de comodidade para os professores no dia seguinte. Você não sabe... O Moreira topou! Três escolas municipais foram esvaziadas e as cadeiras, o pessoal lá da SEP local, alugou ... pegou um caminhão e transportava das escolas, as cadeiras. Foram centenas. A Regina falou “Olha, foi perto de mil”, certamente, muito mais de quinhentas. Cadeiras que foram colocadas no sindicato. Você se lembra... lá no sindicato não tinha onde se sentar. Tinha tanta gente, que muita gente ficou de pé mesmo, mas tinha cadeira para se sentar.

Você imagina um prefeito ... e por que o Moreira fez isso? Porque ele queria 'ferrar' o Chagas, era seqüela da disputa! Só que, ironia da história – dois, três dias, depois da assembleia – estoura uma greve na rede municipal de Niterói contra esse Moreira. O exemplo da assembleia contagiou o magistério municipal e essa greve municipal foi vitoriosa. Porque pela SEP local quem fez comissão de negociação foi a Regina, minha mulher, e, pelo magistério municipal era Elizabeth Nascentes – talvez tivessem outros – mas eram as duas principais representações do SEP e a do magistério Municipal e foi uma greve vitoriosa. O secretário era o Rivo Giannini... o Secretário de Educação do Moreira era o Rivo Giannini. E aí, o que acontece? Quando estoura a greve, em agosto, e que o Chagas proibiu assembleia, tinha uma assembleia no Clube Maxwell pro dia 11 – que foi proibida. Aí anunciaram com antecedência. O que nós fizemos, eu e Luciano D'Angelo fomos para Brasília, chegando em Brasília, pedimos ao Saturnino Braga, senador, para fazer um pronunciamento no senado, condenando o fato do Chagas ter proibido a assembleia. O Saturnino fez o discurso. Procuramos o Ulisses Guimarães, e aí, o presidente nacional do MDB fez uma nota de apoio à greve e de denúncia ao Chagas. O Ulisses era 'Amaralista' e o Chagas era Tancredo e tinha disputa entre Ulisses e Tancredo. O presidente nacional do MDB fez uma nota dura contra o governo Chagas Freitas, do MDB, e isso teve uma repercussão evidente na mídia.

Nós procuramos lá ... eu e o Luciano... fomos na comissão de Educação. Procuramos quem? Álvaro Valle e Sandra Cavalcanti, porque eram 'anti-chaguitas', eram da ARENA. Nessa hora, eu não quero saber, se é para me ajudar, eu vou ao diabo; se é para atacar, o outro diabo. Então, tivemos o apoio e o pronunciamento de Álvaro Valle e Sandra Cavalcanti – fazendo muita política. Aí o que a gente encontrou quando voltou? A assembleia no Clube Maxwell proibida, dia 11. Eu e o Luciano fomos ao Palácio Guanabara. Reunir com quem? Com Miro e Niskier – nós dois, Miro e Niskier. Uma reunião informal, sem passar pela assembleia do Rio de Janeiro, mas se era a chance de a gente negociar; a gente ia. Então o que a gente fez, chegamos ao Miro e Niskier – eu só posso dizer o seguinte – nessa reunião, o Miro estava disposto a dialogar

e o Niskier intransigente, porque tinha sido assim: o Niskier antes da assembleia do dia 11... lá, que eu falei, ele foi todo ... três dias depois eu e Luciano fomos a um jantar, no hotel Glória, no saguão do hotel Glória, e ele chegou logo ameaçando, o oposto da simpatia que ele tinha tido antes de assumir. Chegou duro: “Oh, vai ter repressão!” Não teve. Em março, não teve! Na greve de março foi tranquilo, mas ele ameaçou. Nessa reunião está Niskier e Miro, Niskier querendo jogar duro... hoje, eu me dou bem com Niskier ... Quando do encontro ... não estou querendo, humilhar nem denegrir, mas o que o Miro falou para Niskier... Bom, eu não vou chegar a reproduzir exatamente as palavras, mas o ‘esporro’ que o Miro deu, no mínimo, o que ele falou foi: “Cala a boca, aqui quem mandar sou eu!” Eu e Luciano olhando assim ... Aí, o que nós dissemos: “Vocês têm que arranjar um lugar para ter uma assembleia, porque até para, eventualmente, a greve acabar, tem que ter uma assembleia, para a categoria decidir, até pra isso”. Eu não disse que não estava propondo nada, mas para acabar tem que ter assembleia, e nós falamos que “Essa assembleia vai ter que acontecer, em um local fechado e adequado, tanto melhor. se não tiver, vai ser na rua com milhares de professores na rua”. Aí foi quando o Miro falou: “Cala a boca!”. O Niskier ainda quis ... Aí o Miro: “Bom, então, não vai poder ter assembleia no Maxwell, no dia 11, porque nós já proibimos. Nós vamos fazer o seguinte: pode ser uma assembleia no dia 12 no Clube Municipal”. Aí ele virou na nossa frente – “Espere um momento” – porque ele precisava divulgar essa informação – “Eu vou ligar para a TV Globo e vou pedir para dar essa informação no Jornal Nacional.” Acho que foi a única vez na vida que ele convocou uma assembleia de uma categoria em greve a pedido do Miro Teixeira, que saiu da sala, foi no telefone e voltou: “Acabei de ligar para a TV Globo e eles vão anunciar que assembleia agora é no dia 12 e no Clube Municipal”. Eu estou citando isso para mostrar como se faz uma articulação política e institucional que resulte em coisas concretas ou nota política de renome como Ulisses ou em... enfim.

Bom, acho que já passei do tempo, dez minutos. Vocês me desculpem, mas acho que queria relatar aqui fatos que são importantes, eu só diria o seguin-

te, rapidamente, discordando um pouquinho, aqui, da Dodora, ela disse o seguinte: “O que está faltando hoje é coragem”. Eu acho que a coisa é mais complicada do que isso. O quê no magistério, de corajoso, deixou de ser? Então, eu acho que, primeiro, a conjuntura mudou, o movimento sindical vive momentos diferentes do que eram naqueles anos. E, também, não é só a conjuntura, mas também a direção do SEPE, passou a ter, depois da renúncia da direção, sob comando da Hildézia – passou a ter uma visão sindical diferente, significativamente diferente, da visão dos dez primeiros anos – de 77 a 85. Era uma outra visão, tanto que nós fizemos uma greve em oito, nove, dez anos. Que foi a de 79, que a das conveniadas foi setorizada. Greve geral foi uma. Entretanto, nós lotávamos o Clube Municipal com Brizola indo lá para sair vaiado e sair ovacionado ... e a gente ganhar 70 % de reajuste naquela época ... e vitoriosa. Botamos vinte mil, eu estou falando do meu tempo... era uma greve... com a Hildézia não. Hildezia liderou uma outra, foi no Maracanãzinho, mas, aí, já era na direção dela. Comigo na direção, foi uma greve, não foi maior, não foi tão vitoriosa.

O que interessa é o resultado concreto não é o número de pessoas que participa ou não, cinco mil, dez mil, melhor vinte mil, se junta vinte mil, eu vou. Com o Moreira foram milhares de professores na luta e uma derrota fragorosa. Então, esse negócio de ser maior ou menor é uma discussão. O que eu estou querendo dizer é o seguinte: houve uma visão sindical que, depois que a nova – a então oposição – capitaneada pelo Jaylson e depois por Florinda assumiu, a greve era anual. A greve, que era uma vez em oito anos, virou greve anual por algum tempo depois. Com os resultados que o grevismo apresentou, até deixou de ser anual, mas há uma lógica sindical diferente à frente do SEPE em razão ao que era lá nas origens. Desculpa, já falei demais, vamos em frente. Viva o SEPE!

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Gente, agora vou dar a palavra para Hildézia, quando ela acabar de falar vou pedir a Magda para chamar o pessoal, que tão gentilmente nos

honra aqui com a presença deles, abrilhantando o nosso evento e principalmente fazendo uma homenagem a nossa categoria.

HILDÉZIA MEDEIROS: Boa tarde a todas e todos. Eu quero dizer duas coisas. Primeiro, que eu estou muito feliz de estar aqui ouvindo esses meus companheiros e companheiras com o maior prazer e tentarei ser o mais sintética possível, até me apropriando um pouco das informações que eles já colocaram ... Porque a gente já está ouvindo aí a escola de samba chegar e eu quero entrar também no samba... Eu queria fazer e dizer muito, claramente, o seguinte: menos do que uma recuperação histórica, eu gostaria ... claro, que eu vou tentar situar do ponto de vista histórico, mas acho que o Ítalo já adiantou isso, o Godofredo também, as meninas falaram mais particularmente lá de Volta Redonda. Eu queria pontuar algumas questões, que eu acho, que são fundamentais para gente recuperar, nesse meio tempo, principalmente, para o pessoal mais novo que não acompanhou essas coisas. As pessoas mais antigas sabem de algumas das coisas que eu estarei falando. Mas até para ter um pouco dessa percepção ... sei que tem, aqui, gente de história ..., mas, enfim, só para tentar perceber um pouco, as inflexões que, por exemplo, num caso específico, essa greve ou essas greves... porque foram duas, né?... na verdade, tiveram. E como é que isso pontuou, essa direção sindical da qual Godofredo falou, o Ítalo falou, a Dodora e a Marlene também.

Em primeiro lugar, quer dizer ... só recuperar algumas coisas que foram ditas aqui. Em primeiro lugar, o cenário histórico do SEPE e no caso específico... Eu estava brincando com o Ítalo, aqui, que ele tinha todos os laivos anarquistas, ele não se colocava em nenhum. Era o nosso anarquista de plantão, por isso, que era sociedade. Sociedade, porque ela faz parte da tradição anarquista, não é da tradição institucional, nossa, nesse sentido. Mas é só algumas recuperações que eu queria fazer, lembrando um pouco que o Godofredo já falou, mas só para lembrar o seguinte: a composição do SEP naquele momento, desde 77, que era uma composição realmente de militantes de esquerda dos chamados grupos clandestinos. Eu e outras pessoas, Ricardo e outras pessoas e a gente era do MEP, era do MR-8, da Convergência Socialista, depois

POLOP. Então é só memória... memória nesse sentido..., mas eu queria chamar atenção para isso. Naquele momento, vamos dizer assim, isso, do qual Ítalo falou muito bem, essa questão dessa retomada... No caso, dos professores, das professoras, é mais do que retomada, né? Na verdade, que se deu basicamente através daquele grupo, daquele grupelho, lá da PUC. Na verdade, a maior parte era de militantes de grupos clandestinos que estavam ou não na rede, como professores.

Lembrando só, e aí estou passando ao ponto segundo, que é o seguinte: uma das primeiras coisas naquele grupo foi ... vamos retomar, vamos tomar o Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro, porque era o SINPRO. Ricardo, ele entrou depois ... Pusemos um moderado, que era o Monrevi mas por que eu estou falando isso? Porque era importante do nosso ponto de vista, enquanto movimento ter uma base física e nesse caso a nossa base física naquele momento ... O sindicato foi absolutamente vital para nos ajudar a organizar naquela nossa inexperiência, né? Alguns poucos que eram ... a gente aprendeu na prática. Nesse sentido, eu queria realmente lembrar a importância que foi do SINPRO do Rio de Janeiro que nós tomamos a direção e serviu de base para nós muito fundamentalmente.

A segunda coisa é o seguinte, tínhamos os grupos de militantes, por um lado, e, lembrando o seguinte, que, naquele tempo, funcionário público, o professor, não tinha direito a se sindicalizar. Lembram disso, né? Nós não tínhamos sindicatos. Então, na verdade, nós estávamos ilegais, estávamos ilegais e foi isso que foi importante. Por que eu digo isso? porque depois... volta aí... depois... Então, na verdade, a pessoa que, naquele momento, quando a gente começou, eu digo, encontro das lideranças mais gerais da coordenação... era da coordenação, era o Godofredo que já tinha uma experiência vinda de Campos da rede pública. Eu estava aí, mas não é à toa que ele foi uma liderança extremamente importante, nesse sentido, né? Porque ele tinha toda a vivência, ele tinha... do ponto de vista daquele grupelho que estava lá, era a pessoa que tinha maior vivência com a escola pública e isso foi fundamental.

Um outro traço, então, na verdade, tinha, os independentes unidos e o outro povo que era dos grupos. Os independentes unidos e o povo que era ligado aos distintos MEP, PCB, PC do B, ... enfim, depois Convergência etc. Então, essa é uma distinção que eu queria fazer, também, nesse sentido, e da importância disso, para o próprio desenvolvimento do movimento em si e que não à toa, depois ... quer dizer ... Godofredo com toda a sua base de Campos, que a gente dizia que era uma base familiar, né? 'Sacanagem' aí também..., mas foi muito importante porque trouxe na verdade, um traço muito importante, que foi a questão do professorado público, dos anseios... Não é uma questão só econômica, uma questão, até mesmo, de valorização do magistério. E aí entra uma outra questão que é como é que essa greve funcionou também ...como... como é que eu digo? Com a fertilização, a produção, o estímulo às lideranças, do interior, inclusive. Isso, eu acho que o exemplo está aqui, não precisa ir mais longe, entendeu?

Como é que nós tivemos, isso que o Godofredo acentuou muito bem, na verdade a gente tinha um conselho deliberativo que se reunia democraticamente para discutir antes de cada assembleia. E era impressionante, porque muitas vezes, pessoas que a gente sabia, mulheres que eram lideranças nos seus municípios, mas que não vinham porque o 'maridinho' não deixava. Então, vejam, a exposição, lá, que a Claudia fez junto com a Isis Baião, em que a gente vai ver isso. E isto foi importante ... Por que e eu já estou ligando a coisas? Isso foi importante porque começou a estimular, dentro da própria direção do CEP, mais amplo do que isso, a questão de gênero, porque naquele momento era a professorinha que se casava com o aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Lembram disso, né? Então era importante que as mulheres comesçassem a aparecer enquanto liderança, e aí tinha a Dodora, tem a Marlene, tem a Eloá, tem muita gente.

Então, nesse sentido, mas eu estou destacando porque elas estão, também, na mesa e isso é muito importante também para a gente ressaltar. E nós estávamos naquele momento, que também só vou passar rapidinho, de enfrentamento da ditadura, e não era só o professorado do Rio de Janeiro... Claro

que a gente está falando do magistério do Rio de Janeiro, mas não vamos nos esquecer do MOAP da vida, e, uma movimentação sindical no Brasil como um todo que começou desde 77 etc. E aí traz uma questão que para mim é muito importante, que eu ia falar um pouco mais para adiante, mas eu vou falar logo que é a questão do professorado, do magistério se reconhecer enquanto trabalhador, enquanto trabalhadora. Isso é fundamental. Para mim, esse nosso movimento enquanto SEP contribuiu fortemente para isso. Não à toa, em 79, quando a gente chamou o Lula para uma das nossas assembleias, o que a gente ouviu, como direção: “Mas como trazer um operário, trazer um trabalhador? Como é que a gente vai reconhecer isso aí?” Eu acho que é importante reconhecer isso, quer dizer, a questão de classe também vem aí, mas eu acho que houve uma contribuição muito forte. Ao lado disso, a questão da interiorização da luta sindical, do ponto de vista que, inclusive ..., por exemplo, de unificação, de interseccionalidade com outros movimentos no Rio de Janeiro, no município do Rio de Janeiro e fora do Rio de Janeiro. É porque a gente não tem tanto tempo aqui para falar tanto ..., mas é importante ... garis, médicos, Sindicato dos Médicos, bancários; tudo isso foi no bojo dessa luta, inclusive, com o nível nacional, que então foi crescendo. Foi um despertar na verdade, naquele momento, vamos dizer nesse sentido. Acho que, então, estou trabalhado mais com questões de resultados, a questão da greve, claro que não nasceu ali, mas contribuiu fortemente para essas questões que eu estou colocando. Para o enfrentamento da questão do magistério enquanto uma classe de trabalhadores e trabalhadoras, a questão da interiorização do movimento sindical, a questão da articulação com outros setores que foi muito importante, a presença das mulheres, a questão de gênero que veio a ser assumida depois, na direção quando eu fui eleita presidente. A nossa, foi uma chapa feminista, não só tinha mulheres não, mas a plataforma dizia claramente que a gente defendia a questão de gênero. Então isso é importante para uma categoria como a nossa ... É extremamente importante.

E a questão do sindicalismo, a presença do SEP na questão da sindicalização do funcionalismo público que foi além do magistério. Eu queria colocar também

... quer dizer assim... e foi interessante que nesse momento como é que a gente começou a se articular nesse tipo talvez as lideranças mais ligadas aos grupos mais da esquerda, os militantes de esquerda, do MEP, enfim. Eu falo do MEP, porque eu fui do MEP. Mas foi além disso aí, foi além disso ... e quando eu me lembro que a gente foi convidada para ir para os movimentos sindicais. Eu fui para Assembleia, tive o prazer de estar ao lado do Lula livre, lá, em São Bernardo, representando o magistério do Rio de Janeiro, representando o magistério. Não fui por conta própria, porque era MEP ou porque era PT não! Fui representando o magistério do Rio de Janeiro, e isso é muito importante. Uma outra coisa que eu também queria colocar, e a gente tem que entender um pouco ... eu estou tentando acelerar ... entender um pouco que país é esse que a gente vive. Naquele momento, você já colocou um pouco aquela conjuntura pós-ditadura, pós não, ainda, mas já no final, como é que a gente se colocou como parte dessa luta, e como é que a gente teve realmente momentos muito importantes nisso aí. Um país absolutamente diverso do ponto de vista cultural ... se você prestar atenção... e com a extensão territorial que nós temos, realmente, a unificação das lutas era uma dificuldade muito grande, apesar da gente se esforçar, mas naquele momento, a gente conseguiu – a palavra que eu gosto, o verbo que eu gosto – ‘galvanizar’. Galvanizar realmente a luta sindical no Brasil como um todo. Eu acho isso fundamental. Quero um pouco trabalhar o seguinte, talvez algumas coisas a gente deixou de fazer. Nós somos maravilhosos, maravilhosas, mas a gente não é tudo, né? Então algumas coisas que a gente deixou de atentar, talvez, naquele momento, mas que eu acho que tem a responsabilidade das novas lideranças. Vocês que estão aí, que estratégias são necessárias hoje para a gente retomar isso? Retomar ou, como diz o Ítalo, criar um outro movimento, né? A revolução de vocês, dos mais novos..., mas a gente continua em revolução, a utopia que nos leva para a frente, como diz o Galeano.

E eu continuo, aos 79 anos de idade, mas eu quero ter um mínimo de fôlego para continuar brigando por aí. Eu acho que a gente vai ter que rever, eu digo a gente, porque me sinto parte disso, rever muitas estratégias, do ponto de vista... assim... de ‘cara’. Eu acho que a gente não vive no mesmo país que

a gente viveu naquele momento. Nessa contingência histórica, há que rever mesmo, para quem está no movimento sindical, hoje, há que rever mesmo as estratégias. A questão da presença de outros atores e outras atrizes no ‘pedaço’, a questão da tecnologia, a questão do uso das redes sociais – porque o cuspe e giz já não dão conta. Quais são as saídas para isso hoje, eu não tenho essa capacidade de responder nesse sentido e deixo com vocês que estão mais de perto, na militância. Vejo pessoas queridas que estavam, desde o primeiro momento, em distintos lugares...eu não vou nem citar, porque seria muita gente, dos antigos que estão aqui e, os novos... Eu quero, como eu acho que Godofredo quer, Ítalo quer, como a Dodora quer, como a Lia quer, como a Marlene quer, a gente quer ir à praia, mas para ir à praia tem que ter alguém à frente destas coisas, não é isso, não dá? Eu quero ir pra praia. Obrigada.

PLATEIA: Palmas.

LIA FARIA: Olha gente, a Ana vai só trazer, aqui, uma pequena homenagem nossa à Hildézia, que é para todos, na figura da Hildézia, e pedir a Magda para entregar agora.

A ideia é a seguinte, o pessoal da escola de samba está todo aí, nós vamos deixar eles fazerem a apresentação deles. Nós podemos usar o espaço aqui até as seis e meia, depois da apresentação deles, nós vamos gravar depoimentos, narrativas. Quem quiser falar – não é ideia, propriamente de um debate – mas de gravar as memórias. Então, após a apresentação deles, aqueles que quiserem falar, vão falar e concluir sua frase para acabar.

ANA MIGNOT: Mais uma vez agradeço, a Lia, pela organização do evento e, disser para a Hildézia, que com essas orquídeas, nós homenageamos toda a mesa e todos os colegas professores que estão aqui com a gente.

HILDÉZIA MEDEIROS: Como adivinharam? Eu adoro orquídeas! São lindas, lindas, lindas!

LIA FARIA: Gente, agora, é assinar o livro de presença. Agora, é pegar cópia do samba para nós cantarmos juntos.

Fotos

RODA DE CONVERSA

A greve de **79** quarenta anos depois

OFFESS



esq. p/ dir.:
Marlene Fernandes,
Dodora Mota,
Godofredo Pinto,
Lia Faria,
Hildézia Medeiros,
Ítalo Moriconi



Lia Faria (esq.),
Hildezia Medeiros



Lia Faria,
Hildézia Medeiros,
Ítalo Moriconi



Dodora Mota,
Godofredo Pinto,
Lia Faria,





**Dodora Mota,
Godofredo Pinto,
Lia Faria,
Hildézia Medeiros**



**esq. p/ dir. -
Marlene Fernandes,
Dodora Mota,
Godofredo Pinto**



**Dodora Mota,
Godofredo Pinto**

Florinda Lombardi
(esq.), Dione Lins



esq. p/ dir.:
Dione Lins,
Florinda Lombardi,
Marlene Fernandes,
Dodora Mota,
Godofredo Pinto,
Lia Faria,
Hildézia Medeiros,
Ítalo Moriconi



Hildézia Medeiros
(esq.), Dodora Mota





Hildézia Medeiros,
Ítalo Moriconi



Exposição

O sol por testemunha

A exposição “O Sol por Testemunha” foi exibida pela primeira vez em 1987, em vários municípios do Estado do Rio de Janeiro, acompanhando as discussões de gênero no magistério, em uma iniciativa do SEPE.

No ano de 2019 a exposição foi restaurada e exibida no Centro Cultural da UERJ como parte das comemorações dos 40 anos do PROPED.

FICHA TÉCNICA

ROTEIRO: Isis Baião e Claudia Ferreira

FOTOS: Claudia Ferreira

TEXTO: Isis Baião

ELENCO: DODORA

e

Schet, Demian, Dimitri, Érica, Marlon

Alunos e professores da Escola Municipal Santos Dumont

Volta Redonda, RJ

Foi extremamente interessante rever a exposição “O Sol por Testemunha”, produção essa realizada nos idos de 1987. Ela nos remeteu a uma série de memórias que fazem parte da história da luta do magistério público fluminense nas últimas décadas.

Reverendo essa obra de ficção escrita por Isis Baião e fotografada por Claudia Ferreira, mergulhamos no cotidiano do professorado composto majoritariamente por mulheres no momento histórico pós-ditadura militar iniciada em 1964. Essa análise nos leva a perceber alguns pontos importantes.

O primeiro deles é a constatação de que os movimentos de contestação do professorado se inserem nas lutas sindicais que pipocaram no Brasil, a partir dos meados dos anos 70. E, não mais que de repente, expressiva parcela do magistério se descobre parte da classe trabalhadora brasileira estabelecendo laços concretos de solidariedade com outras categorias.

Um segundo aspecto a ressaltar é de que a luta sindical se espalhou pelo Rio de Janeiro como um todo, permitindo que contingentes expressivos de lideranças surgissem em distintos municípios fluminenses, ultrapassando os limites da capital. Dodora Motta, que encarnou a protagonista de “O Sol por Testemunha”, é uma excelente representação dessa avaliação. Sem dúvida, a presença dessa liderança nas lutas sindicais de Volta Redonda, nas suas distintas expressões, fortalece essa afirmativa.

Por outro lado, podemos perceber as características da dominação de gênero através da visão do magistério como uma “profissão feminina”, vista como extensão das tarefas familiares denunciada por exemplo, pela nomenclatura de “tia”. Para não citar a necessidade de autorização dos maridos ou companheiros para o exercício da militância sindical!

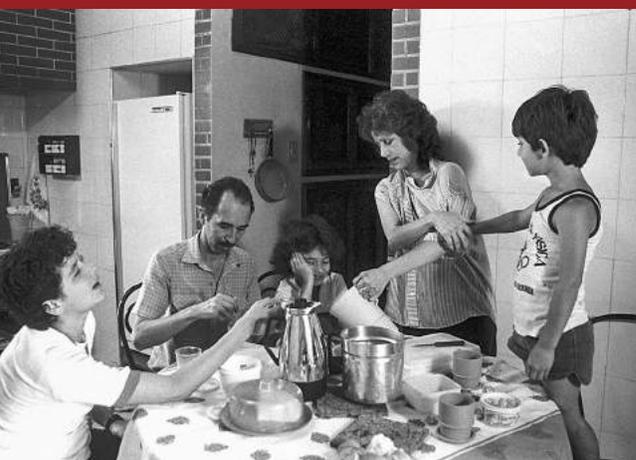
Certamente, as conquistas econômicas e por melhores condições de trabalho foram fundamentais para o fortalecimento da categoria da educação no Estado do Rio. Entretanto, os avanços foram muito maiores; temos orgulho de ter participado na construção da luta dos trabalhadores no nosso Estado! E temos o “O Sol por Testemunha”!

HILDEZIA MEDEIROS

Fundadora do SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação



Ai 2ª feira! Não devia existir 2ª feira, devia pular pra 3ª. Não, pro domingo. Aaaaah, que sono! Se não me levanto agora perco o ônibus. Meu Deus 5,5! Merda. Levanta-te e anda, professora! O tempo que perco acordando esses meninos! O Junior então! Finge que não acordou só pra me sacanear... Sacaninha! Uns catiripapos não lhe fariam mal... A educação antiga tinha suas razões... Hum, tô precisando é de tirar uma licença! O médico... mas eu não posso, agora não posso.



Licença! Bobagem, o pior já passou, hoje tá um mar de rosas! Quando as crianças eram pequenas... Sábado vou ter que lavar essa toalha... Um ano cuidando de doença de criança, tomando remédio pra não dormir... Alterou o coração! Mas, como eu posso tirar licença? Vou deixar os meus alunos no final do ano, coitadinhos! Cadê as colherinhas desta casa? Sábado vou dar uma geral, detesto bagunça... pega mal pra uma dona de casa. Bom, a casa da Zezé é bem pior...



Meu Deus, porque tenho de carregar tanta coisa? Roleta de ônibus não foi feita pra professora. Ônibus cheio, muito menos. Será que vale a pena ter uma vida assim? Melhor nem pensar! Ih, esse garoto tá encostando demais! A Lola, coitada, tá engordando, cada vez mais, de tanto se questionar, diz ela. Fica ansiosa, come, come... Diz que cansou de ficar parada no tempo, só fala nisso... Papo chato. Hora de recreio é pra conversar futilidades, aliviar a pressão...

Calma, crianças, calma. Um por um, um por um, a tia já falou! Todos sentadinhos! Só vejo o dever quando estiverem sentados! Será que sou boa professora? Acho que não... A pedagogia moderna... É, às vezes, sou, sou mesmo autoritária... mas professora também tem nervos, droga! Já pras suas carteiras! Esqueci de telefonar pra casa... Será que as crianças almoçaram? Meu Deus, tenho sido péssima mãe!



Melhoria de salário, mas também melhoria de ensino. Os alunos estão desmotivados. Será que nós os estamos motivando? Será que... Eles não gostam de ouvir falar nisso... Claro, é difícil a motivação com um salário indigente, mas... Lá vem a Marilza falar que somos veículo da ideologia dominante! Vai criar aquele mal-estar com a Coordenadora, o que mostra que somos mesmo... Esta reunião vai entrar pela noite e eu vou chegar em casa depois do Jorge. Pior é o marido da Rita..



Ah, que bom! Enfim, só! Me sinto como um cachorro querendo sair da coleira... Hum, este sofá tá fedendo a cachorro! Sábado vou botar estas almofadas no sol. Se tiver tempo... Será que essa greve valeu a pena? Ai, a dor de cabeça! É a pressão subindo... Também, só dormi 5 horas na noite passada! Né nada disso, já me acostumei a dormir pouco. Pior é a Dorinha, que só dorme 3 horas por noite... Sinto falta é de sol. No domingo vou pegar um sol. Sol! Sol! Sol! Onde estás?





Coitadinhos, estão carentes... Sou uma mãe ausente... ausente e exausta... As compras do supermercado, não guardei... por que esse menino tem que futricar em tudo? Ai, que saco! Meu Deus, tenho que ter mais paciência com os meus filhos! Domingo a gente vai pegar um sol. Eles também precisam de sol... Não, não posso me queixar... Pior é a vida da Flor, ficou viúva, sozinha criando filhos, o dinheiro não dá. Pelo menos pra dar dinheiro, marido serve...



É agora, sim, tem que fazer agora, eu também tô com sono, droga! Vamos, escreve, menina. Mas isso não é hora de criança estar acordada! Mas é a hora que eu tenho, bolas! Mãe e professora devem ser a mesma coisa, uma extensão da outra, extensão cansada... Já não tenho o pique de antes... Era preciso educar primeiro os pais... Ontem, o Marcelo, coitadinho, chegou na escola todo lainhado. Nem cachorro de polícia apanha daquele jeito...



Acertou tudo, este capeta. Os mais levados são sempre os mais inteligentes... Se ele soubesse como eu gosto dele, ia ficar mais folgado! Ai, a maldita pontada na lombar! Que hora serão? Este desgraçado já começou a roncar... Vida boa é a de marido! Chega, lê jornal, come, reclama, dorme e ronca. Merda, como que posso me concentrar com um avião no ouvido! Esqueci de comprar algodão... E agora, com que diabo vou tapar os meus ouvidos?

Prometi ao Jorge que não ia me meter nisso e tô aqui bem na frente... Mas que que tem? Não tô fazendo nada demais! Ah, ele que se dane! Não sei por que marido não gosta que a mulher se meta em política... Bom, o Jorge pelo menos... Pior é o da Dolores, ameaça baixar o cacete nela... Ah, meu Deus, lá vem a televisão... E daí? Não tô fazendo nada demais! Depois de amanhã é domingo... Se eles não derem esse aumento, sei não...

Só fazendo um curso de matemática especial pra aprender a "química" das nossas autoridades! Me pagam um mini salário e me mandam as contas do FMI! O pior é que a gente tem ainda que comer, se locomover, vestir... As crianças estão de roupa puída, sapato furado... Minha cabeça vai explodir! Mas domingo tá chegando... que domingo, ô idiota, a situação é de 2ª feira, chuvosa! Vou ter que ir à formatura dos meninos com vestido da década passada...

Era tão pequeno quando chegou à escola! As calças curtas dançando sobre as perninhas magras... não sabia escrever um A... duro de aprender, mas vi logo que não era por falta de inteligência... garoto problema, como tantos outros... família destroçada pela pobreza. Foi evoluindo, evoluindo... Às vezes achei que exigia muito dele, mas valeu a pena. É como uma gestação, de 8 anos... Deve ser isso que faz a gente continuar nessa luta.





Graças a Deus que amanhã é domingo! E vai fazer sol... tem que fazer sol... Onde foi parar o pano de limpeza? Garanto que o Jorge pegou pra limpar o sapato e jogou na lata do lixo... Deu pra ser distraído depois que entrei pro CEP... Nunca vi tanta falta de sutileza nas reações! Bonita a formatura dos meus meninos... Pensar que já tenho ex-alunos na universidade! Será que a filha da Joana engravidou mesmo? Gente de língua mais solta!

O Jorge tá precisando de camisa... Hum, quem nesta casa não tá precisando de roupa! Amanhã é domingo... Ah, vou me esparramar ao sol! Ah! Aquela quenturinha entrando pelos poros, queimando lá dentro... Tenho a impressão de que só o sol consegue abrir os meus poros... Um amante deve ser como o sol: não cobra, não reclama, não invade... vai entrando devagarinho e tomando a gente toda, manso... uma viagem que vai, vai, até a explosão! Ah! Eu queria ficar sozinha com o sol!

Um cachorro querendo sair da coleira... por que pensei nisso? Éta vida besta!! O Drummond entendia de pedras no caminho... Será que há pedras também no caminho dos poetas? É, mas prefiro as pedras às coleiras... pedras apenas esfalam os dedos... Tomara que cheguem as férias... nas férias as crianças ficam mais soltas... Será que todos os filhos são carentes ou não estou sendo boa mãe? Se o Jorge tirasse um pouco a cabeça daí pro sol entrar!



**“De um novo mundo eu sou
e o mundo novo será mais claro
mas é no velho que eu procuro
o jeito mais sábio de usar
a força que o sol me dá.”**

(SOLAR – MILTON NASCIMENTO E FERNANDO BRANT)



O CEP somo
CEP é NOSSA

PROFE